

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

**O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA
CRIATIVA EM SALA DE AULA**

NEUSA MARIA JORGINO OLIVEIRA

SÃO PAULO
2008

NEUSA MARIA JORGINO OLIVEIRA

**O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA
CRIATIVA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao programa de mestrado em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. José Gabriel Perissé Madureira.

**SÃO PAULO
2008**

FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Neusa Maria Jorgino.

O Método Lúdico-Ambital: uma experiência de leitura criativa em sala de aula / Neusa Maria Jorgino Oliveira. 2008.

274 páginas

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, 2008.
Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Perissé Madureira.

1. Método 2. Leitura Criativa 3. Cidadãos Leitores 4. Processo da leitura

CDU 37

**O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA
CRIATIVA EM SALA DE AULA**

Por

OLIVEIRA, NEUSA MARIA JORGINO

Dissertação apresentada a Universidade Nove de Julho - Uninove, Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGE, para obtenção do grau de Mestre em Administração, pela Banca Examinadora, formada por:

Presidente: Prof. José Gabriel Perissé Madureira, Dr. – Orientador, Uninove

Membro: Prof^a Terezinha Azerêdo Rios, Dra. - Uninove

Membro: Prof. Luiz Jean Lauand, Dr. - Uninove

Membro: Prof. Marcos Antonio Lorieri, Dr. – Uninove

São Paulo, 23 de Março de 2008

DEDICATÓRIA

*Em memória dos meus maravilhosos pais,
Orlando Jorgino e Ignêz Maria Jorgino,
pessoas fabulosas.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por fortalecer a minha fé e a crença de que devemos sempre contribuir com nossa parcela.

Aos meus pais, pessoas representantes de Deus na minha vida, pelo amor, dedicação, humildade, sabedoria e por toda a energia iluminadora e vitalícia de seus ensinamentos.

Aos meus familiares, marido e filhos, pela paciência, colaboração e dedicação.

Aos meus irmãos, cunhadas, irmã e cunhado, pela esperança transmitida pelos seus olhos.

A minha sobrinha Raquel, pelas traduções e contribuição acadêmica.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Gabriel Perissé Madureira, a quem devo imensa gratidão pelo apoio teórico, pela amizade e paciência nos momentos de ansiedade.

Aos professores do curso de Mestrado em Educação da UNINOVE por contribuir com meu crescimento pessoal e desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos Ederaldo e Arlete Lourenzetto, pelo apoio pessoal e contribuição com livros para esta pesquisa.

À colaboração dos alunos do Curso de Letras das Faculdades Alvorada Plus.

Finalizando, por todos aqueles que de alguma forma tornaram esta dissertação possível e significativa... e se reconhecem neste agradecimento.

RESUMO

Este trabalho apresenta idéias de Alfonso López Quintás relativas à leitura denominada por ele de “leitura criativa” e o método que ele propõe para realizá-la denominado de Método Lúdico Ambital – MLA. Além disso, apresenta os resultados de um experimento do MLA com alunos de um curso de Letras, em nível superior, com o intuito de testar o referido método e, ao mesmo tempo, chamar a atenção desses alunos para possibilidades de utilização na sua futura prática de professores de Língua Portuguesa. Dadas as dificuldades encontradas para a realização do experimento contentou-se com uma pequena experiência com um grupo de alunos do referido curso que se mostrou de certa forma satisfatória ao menos para dela extrair algumas indicações. Estas indicações constam das análises que acompanham os quadros e relatos da experiência realizada indicando a necessidade de cuidados na formação de cidadãos leitores que inclui o oferecimento de pré-requisitos necessários ao processo da leitura, bem como o oferecimento de procedimentos e métodos que a facilitem. O MLA é um desses métodos que, de acordo com estudo realizado, mostra-se rico para o desenvolvimento do que López Quintás denomina de “leitura criativa”.

Palavras-chave: Método; Leitura criativa; Cidadãos leitores; Processo da leitura.

ABSTRACT

This work presents the ideas of Alfonso López Quintás related to his so called “creative reading” and the use of the Ludic Scope Method – *MLA*. It also shows the results of the *MLA* method used with undergraduates at a Portuguese Language Course. His intention in performing the test was not only to see how the method works, but also to call the attention of the students to it and the possibility for further practice in other courses. As he encountered some difficulty to carry out the experiment, he just tested it with a small group of students. The results were somehow satisfactory and the indicators are part of the analysis that go with the pictures and reports of the experiment. It is necessary to provide young reader citizens with some methods and procedures to enable an easier process of reading. The *MLA* method can be one of these methods and, according to the study it is rich for the development of what Lopez Quintás calls “creative reading”.

Key-words: Method; Creative reading; Reader citizens; Process of reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
-----------------	----

PARTE I - APERFEIÇOAMENTO HUMANO E LEITURA

CAPÍTULO I – O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL.....	21
--	-----------

CAPÍTULO II – ENCONTRO E ÂMBITO.....	35
---	-----------

CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIAS REVERSÍVEIS.....	42
---	-----------

CAPÍTULO IV – IMAGENS.....	46
-----------------------------------	-----------

CAPÍTULO V – OS CINCO PASSOS DO MÉTODO LÚDICO-AMBITAL.....	49
---	-----------

5.1. PRIMEIRO PASSO: DISTINGUIR ARGUMENTO E TEMA.....	50
--	-----------

5.2. SEGUNDO PASSO: CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA.....	52
--	-----------

5.3. TERCEIRO PASSO: EXPERIÊNCIAS DECISIVAS.....	53
---	-----------

5.4. QUARTO PASSO: AS IMAGENS.....	56
---	-----------

5.5. QUINTO PASSO: VALORIZAÇÃO GERAL DO TEXTO.....	58
---	-----------

PARTE II - O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL EM SALA DE AULA

CAPÍTULO VI – APLICAÇÃO DO MÉTODO LÚDICO-AMBITAL.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	106
SITES CITADOS.....	111
ANEXOS	
ANEXO A – PARTE I	
Coleta de dados antes da aplicação da proposta do MLA	112
ANEXO A – PARTE II	
Coleta de dados após a aplicação da proposta do MLA.....	161
ANEXO B	
Seleção de Trabalhos com análise detalhada.....	212
ANEXO C	
Crônicas.....	230
ANEXO D	
Pesquisa utilizada para a contextualização da obra analisada.....	235

LISTA DE QUADROS

QUADRO I	– Dados Estatísticos da Zona Sul 2 da Região Entorno do Instituto.....	63
QUADRO II	– Demonstrativo dos trabalhos 1A e 1B	69
QUADRO III	– Demonstrativo dos trabalhos 3A e 3B.....	70
QUADRO IV	– Demonstrativo dos trabalhos 4A e 4B.....	71
QUADRO V	– Demonstrativo dos trabalhos 7A e 7B.....	72
QUADRO VI	– Demonstrativo dos trabalhos 8A e 8B.....	73
QUADRO VII	– Demonstrativo dos trabalhos 12A e 12B.....	74
QUADRO VIII	– Demonstrativo dos trabalhos 13A e 13B.....	75
QUADRO IX	– Demonstrativo dos trabalhos 14A e 14B.....	76
QUADRO X	– Demonstrativo dos trabalhos 17A e 17B.....	77
QUADRO XI	– Demonstrativo dos trabalhos 18A e 18B.....	77
QUADRO XII	– Demonstrativo dos trabalhos 19A e 19B.....	78
QUADRO XIII	– Demonstrativo dos trabalhos 22A e 22B.....	79
QUADRO XIV	– Demonstrativo dos trabalhos 23A e 23B.....	80
QUADRO XV	– Demonstrativo dos trabalhos 26A e 26B.....	81
QUADRO XVI	– Demonstrativo dos trabalhos 28A e 28B.....	81
QUADRO XVII	– Demonstrativo dos trabalhos 29A e 29B.....	82
QUADRO XVIII	– Demonstrativo dos trabalhos 32A e 32B.....	83
QUADRO XIX	– Demonstrativo dos trabalhos 33A e 33B.....	83

QUADRO XX – Demonstrativo dos trabalhos 38A e 38B.....	84
QUADRO XXI – Demonstrativo dos trabalhos 39A e 39B.....	84
QUADRO XXII – Demonstrativo dos trabalhos 40A e 40B.....	85
QUADRO XXIII – Demonstrativo dos trabalhos 41A e 41B.....	86
QUADRO XXIV – Demonstrativo dos trabalhos 42A e 42B.....	87
QUADRO XXV – Demonstrativo dos trabalhos 43A e 43B.....	87
QUADRO XXVI – Demonstrativo dos trabalhos 44A e 44B.....	88
QUADRO XXVII – Demonstrativo dos trabalhos 45A e 45B.....	88
QUADRO XXVIII – Demonstrativo dos trabalhos 46A e 46B.....	89

INTRODUÇÃO

Ler é uma arte e, como toda a arte, requer do seu artista uma sábia flexibilidade, a capacidade de utilizar os meios de acordo com a finalidade primordial a ser alcançada.

(Gabriel Perissé)

Ano de 1942, noite fria e escura, sem luar algum. Pessoas cansadas e sujas, após um dia árduo de trabalho, caminhavam com passos largos. Têm pressa de chegar a um destino muito esperado.

Num silêncio absoluto nas entranhas de plantações de café, quatro pessoas mantinham-se na caminhada por aproximadamente trinta minutos, até que, finalmente, ao longe, surgia uma imagem turva da enorme casa cor-de-rosa.

Próximos à casa, um deles batia palmas, solicitando a presença do morador. Este, meu avô Francisco de Paula Américo, já os aguardava. Eram, na verdade, visitas rotineiras. Cumprimentavam-se, e eram convidados a entrar. Dirigiam-se todos a uma sala de jantar, onde havia uma mesa de madeira rústica retangular, rodeada de cadeiras com encosto alto. Em uma das extremidades da mesa havia uma lamparina de querosene, ao lado da qual o jornal que o dono da casa recebia por assinatura, A Província, precursor de O Estado de São Paulo, mais conhecido por “Estadão”.

Da cozinha vinha o aroma do delicioso café preparado com carinho por Dona Emília, esposa do Sr. Francisco.

Os adultos sentavam-se ao redor da mesa, inclusive duas pessoas já bem idosas, os pais do Sr. Francisco: Dona Maria Saura e o Sr. Roque Américo. Por trás deles, ficavam sempre duas crianças, uma menina de 11 anos, que se chamava Ignêz (hoje, minha mãe), e um menino, Nelson (meu tio), de 9.

Os visitantes começavam a indagar sobre o preço da saca do café, da arroba da carne bovina e a principal curiosidade: informações sobre a Segunda Guerra Mundial, com suas tristes conseqüências.

O Sr. Francisco abria então o jornal e começava a decifrar aqueles símbolos, que eram estranhos para todas as pessoas da sala. Todos se embebedavam com a leitura, sentindo-se, de certo modo, responsáveis pelo que acontecia no mundo, na medida em que possuíam agora as valiosas informações.

Abria-se um novo mundo para todos. Descobriam que havia outras coisas para além dos limites do seu cotidiano. E eram aqueles estranhos signos que revelavam esses outros mundos. Entendiam que quem não lê só vê parcialmente.

Com o passar do tempo, já adulta, a menina Ignêz, em 1947, casou-se com um simples colono, no grande período de cultivo do café, o Sr. Orlando. Homem sem cultura escolar, porém virtuoso. Preocupava-se com a formação dos filhos. Todas as noites, após o jantar, dedicava-se a lhes contar episódios do seu passado, instigando a imaginação, transmitindo valores e provocando a reflexão das crianças, entre elas, eu.

Na minha infância, além do clima de carinho e atenção, meus pais, infelizmente hoje falecidos, mesmo com pouca instrução, faziam-nos ver como o

conhecimento de novos mundos dependia da leitura. Alberto Manguel expressa a amplitude desse conhecimento prazeroso, mediante a arte de ler:

Foi como adquirir um sentido inteiramente novo, de tal forma que as coisas não consistiam mais apenas no que os meus olhos podiam ver, meus ouvidos podiam ouvir, minha língua podia saborear, meu nariz podia cheirar e meus dedos podiam sentir, mas no que o meu corpo todo podia decifrar, traduzir, dar voz a, **ler**. (1997, p.18)

E Morais, no tocante à multiplicidade dos prazeres da leitura, afirma: “Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também, pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar.” (1996, p.12)

Apesar de tantos autores afirmarem que é por meio dos livros que se faz possível essa ampliação de horizontes existenciais, constata-se que muitos de nossos alunos, crianças, adolescentes ou adultos, não gostam de ler. E quando lêem, muitas vezes compreendem a leitura apenas de modo utilitarista e superficial. “As crianças quase não lêem mais livros. Os adolescentes também não”. (MIRANDA e CARRARI, 2002, p.31).

Sabemos que o contexto atual em que estão inseridos esses alunos é adverso ao desenvolvimento de uma cultura voltada ao hábito de ler. Trata-se de ambientes massificadores, que formam subjetividades efêmeras, voltadas para a imediatividade da

vida cotidiana. Em síntese: descartáveis, desenraizadas, angustiadas, inseguras, manipuladas pela mídia e pela mentalidade consumista e coisificadora.

Diante deste quadro conceitual aqui desenvolvido, nossos alunos devem ser orientados para que possam combater a massificação e a manipulação ideológica ¹ e lutarem por um outro mundo, um mundo mais ético.

Encontramo-nos em uma sociedade devastada em grande parte porque, de um lado, não sabe para onde ir, já que perdeu o ideal que a guiou e a impulsionou durante quatro séculos; e de outro, não é discreta, não permitindo que cada pessoa se oriente na vida como melhor entenda, mas pretendendo dirigir e dominar espiritualmente o povo. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.38)

Nesta perspectiva, nossos educandos precisam tomar consciência de quais são suas ferramentas e como usá-las para, não só se defenderem dessa manipulação, mas também se tornarem pessoas em sentido pleno.

Cada sociedade deve fazer chegar aos seus cidadãos as possibilidades que recebe, para que estes as assumam criticamente, discirnam o que nelas é

¹ Segundo López Quintás, é preciso identificar e desmascarar os manipuladores, que pretendem aumentar seu domínio sobre pessoas e povos por meio do recurso da alteração do seu modo de pensar. (cft. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.34)

fecundo e, com base nessa fecundidade, abram novas possibilidades que, por sua vez, eles entregarão à geração seguinte. Assim evolui a humanidade. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.138)

Faz-se necessário aperfeiçoar cada vez mais o pensar, não só de nossos alunos, mas de todos nós. Precisamos descobrir as possibilidades criativas da vida humana. E, nesse sentido, a leitura é fundamental. É importante que sejamos leitores críticos e criativos, das palavras e da nossa própria vida. “Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.” (LAJOLO, 2001a, p.7)

No cotidiano como professora, percebo a necessidade de medidas adequadas para o aprimoramento da capacidade de leitura dos alunos.

Na análise criativa de um conto, um romance, um poema, de um filme, uma peça de teatro, uma escultura surgem questionamentos e respostas de naturezas diferentes: o ato de ler é o meio de interrogar e interrogar-se.

Nesse exercício de reflexão, a pessoa supera o que López Quintás chama de “analfabetismo de grau superior”, causa de profunda desorientação existencial. Esse tipo de analfabetismo pode conviver com a capacidade de decifrar o significado imediato das palavras. Tal analfabetismo consiste em não conhecer a linguagem da vida criativa:

[...] porque conhecer uma palavra é penetrar em suas relações com outras, descobrir seus influxos mútuos, a trama formada por todas elas entre si. Se não conseguiu, então é vítima do ‘analfabetismo de grau superior. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.33)

Minha preocupação como professora de língua portuguesa e literatura sempre foi a de propiciar um encontro entre texto e aluno, a partir do qual este aluno se envolvesse com o ato de ler, aguçando aquela capacidade de decifrar, mas, além disso, além dessa condição mínima de sucesso escolar, fossem criadas condições para o seu crescimento como pessoa.

Nesse sentido, procurei em meus estudos e pesquisas alguma proposta que fizesse surgir uma atmosfera iluminada e dialógica, em sala de aula, entre os participantes da leitura – leitor e texto –, construindo-se pontes entre um e outro, num diálogo criador, quebrando o monólogo do texto ou o do leitor. Nas felizes palavras de Perissé: “Sem a iniciativa do leitor, o texto congela-se no silêncio mudo. Sem a provocação do texto, o leitor congela-se na inconsciência.” (2004a, p. 109)

Existe uma extensa bibliografia sobre o prazer da leitura, sobre métodos de interpretação, livros que elogiam de maneira enfática a arte e a paixão de ler, mas foi decisivo o meu encontro com as obras do filósofo e educador espanhol Alfonso López Quintás.² O que mais me chamou a atenção em seus escritos foi o fato de este autor (passe a aparente redundância) *dar valor ao valor*.

Segundo ALQ, temos diante de nós uma complexa tarefa a realizar: educar em criatividade e valores. Para que essa criatividade e esses valores sejam descobertos, mais do que “ensinados”, e se tornem orientação vital, é necessário que cada pessoa desenvolva três qualidades: visão com longo alcance, amplitude e penetração. A prática da leitura criativa auxilia nesse sentido.

² A partir daqui utilizarei muitas vezes a abreviatura ALQ para referir-me ao autor em questão.

No entanto, *como* “deixar o aluno” fazer tais descobertas? E justamente é o que López Quintás propõe com o *Método Lúdico-Ambital*.³

Este método, um entre muitos possíveis, contribui (assim o deduzi nas primeiras aproximações que fiz do seu trabalho) para uma vida de lucidez intelectual e fecundidade criativa.

ALQ salienta que este método de leitura (que inclui interpretação de outras obras de arte além da literatura) integra-se a um projeto maior, cujo propósito é descobrir e fazer descobrir as possibilidades criativas da vida cotidiana, despertando as pessoas para ideais libertadores, que propiciem formas de união e colaboração, tendo em vista uma sociedade e um mundo melhores. A leitura participa, aqui, como um “instrumento” privilegiado para uma educação libertadora: “A leitura pode e deve ser atividade original, diálogo vivo com o texto. Leitura como conhecimento do real e exercício de liberdade.” (PERISSÉ, 2006, p.9).

Ao longo de sua obra, López Quintás, faz um enorme esforço para explicitar através do *Método Lúdico Ambital* (MLA) diversas questões filosóficas: o sentido da vida, o amor humano, a liberdade criativa, os frutos do encontro humano, os conflitos éticos da atualidade etc. Contudo, não registra possíveis experiências de aplicação deste *Método* no patamar da educação escolar.

Esta particularidade, posta imediatamente nas linhas acima, consistiu no *leitmotiv* que instigou a formulação da finalidade última do presente trabalho: verificar a eficácia prática do MLA numa sala de aula.

³ A partir daqui utilizarei muitas vezes a abreviatura MLA para referir-me ao Método Lúdico-Ambital.

O presente trabalho tem como objetivo verificar em que medida o *Método lúdico-ambital* pode contribuir para o aperfeiçoamento intelectual e humano do aluno-leitor, ainda que tal aperfeiçoamento não se dê, certamente, de modo automático ou totalmente “controlável”. Sendo coerentes com a proposta “ambital” de López Quintás, é necessário contar com o tempo de amadurecimento e com a sempre insondável liberdade humana.

Este trabalho está composto de duas partes:

Na primeira parte, exponho as bases teóricas do MLA, abordando as cinco fases necessárias para a leitura criativa.

Seguem-se cinco capítulos: Apresentação do MLA; Âmbito; Experiências Reversíveis; Imagens; Descrição dos cinco passos do método.

Na segunda parte, procuro apreender o modo como os alunos universitários (focalizados) desempenhavam a prática de leitura antes de conhecerem o MLA; e detectar, mediante a aplicação do *Método*, a afluência de seus princípios filosóficos na prática de leitura dos alunos, após o contato deles com o *Método*.

Como momento imprescindível para a conclusão do presente trabalho, emergiu a necessidade de se retomar os resultados e discussões apresentadas ao longo do processo deste trabalho, cujo desdobrar de seus fios constitutivos, configurou a sua tecitura arquitetônica final.

PARTE I

APERFEIÇOAMENTO HUMANO E LEITURA

CAPÍTULO I: O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL

Leitura bem feita é formativa,
no sentido de que reestrutura idéias
e expectativas, reformula horizontes. Nem toda
leitura precisa ser assim tão séria, mas toda leitura
bem feita ocorre sob o signo do questionamento,
porque, quem não sabe pensar; acredita no que
pensa. Mas, quem sabe pensar, questiona
O que pensa.
(Pedro Demo)

Segundo López Quintás, necessitamos aprender a pensar bem, com rigor e precisão, desenvolver todo potencial criativo humano, ser leitores criativos e desempenhar o papel condutor/recriador de nossas vidas: “Pensar bem é indispensável para conhecer com exatidão o que é a nossa própria realidade e o que são as realidades que nos rodeiam e que em grande parte decidem nosso desenvolvimento pessoal.” (2004, p. 25)

ALQ propõe um *Método* de pensamento dialógico, idealizado para descobrirmos possibilidades criativas em nossas vidas.

Por “Método” se entende – como o próprio nome de origem grega já o sugere – uma via para se conhecer a realidade em algum dos seus aspectos. Se um aspecto ou vertente é distinto de um outro, é compreensível que ele exija uma via de acesso diferente. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.77)

É desse *Método* que decorrerá uma postura perante o texto literário e outras obras de arte. Essa proposta filosófica propõe uma certa mudança em nossos hábitos educativos. Trata-se de um processo formativo que aguça a sensibilidade pessoal, contribui para nossa formação humana e estimula o nosso pensar, aguçando o poder de discernimento que além de fomentar o poder crítico humano, amplia a leitura de mundo e a da palavra. Nessa última, promove uma leitura recriadora, co-criadora no contexto da reflexão filosófica e pedagógica.

Para ter poder de discernimento, que é próprio de todo pensamento rigoroso, requer-se pôr em forma a capacidade de captar no ar a distinção que há entre as diversas realidades e entre as diferentes atitudes humanas. Confundi-las, ou pelo menos não perceber claramente sua distinção, significa abdicar do poder crítico, que é literalmente poder de discernir, de distinguir o nobre do plebeu, o elevado do mesquinho, o generoso do ruim... (IBIDEM, p. 63-64).

Esse poder pode ser uma bússola para descobertas de possibilidades criativas da vida cotidiana e o despertar prazeroso de uma leitura aberta para a totalidade de nossa vida e de nosso ser.

Na compreensão do *Método* de leitura proposto por ALQ, deve-se compreender alguns conceitos desenvolvidos por este pensador, em particular o conceito de âmbito. Ser criativo é saber fundar âmbitos, assumindo possibilidades latentes que aguardam nossa iniciativa.

É oportuno lembrar que essa capacidade de assumir possibilidades pertence a todos os seres humanos, sem distinção. Segundo ALQ, qualquer pessoa pode ser

criativa desde que utilize a condição primordial de criar uma relação de encontro composto de um entrelaçar de idéias dentro de um campo de alumiação lúdica. Para a compreensão do jogo da vida humana é preciso nos expor à luz que o próprio jogo emite. Perissé enfatiza que o único modo de descobrir o sentido do jogo é entrar no jogo. (cft.2004b, p. 24)

A criatividade não é uma capacidade exclusiva dos gênios, como defendia o Romantismo e como muitos pensam ainda hoje. Ser criativo significa assumir ativamente as possibilidades que a realidade ao nosso redor oferece e propiciar o surgimento de algo novo dotado de valor. (LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p.38)

Nos encontros e relações humanas, fazem-se descobertas pautadas em criatividade e valores. Segundo ALQ valores e criatividade não podem ser “ensinados”; precisam ser “descobertos”. O educando deve ser exposto numa área de irradiação dos valores por meio de experiências adequadas a isso. (cft. LÓPEZ QUINTÁS 2004, p.15) Com esse indicativo, abrem-se os olhos, se mobilizam de modo imaginativo e descobrem as realidades que os cercam.

O encontro significa muito mais do que achar-se em proximidade, justapor-se, chocar-se, dominar-se e manejar-se. O encontro implica entreverar o próprio âmbito de vida com o de outra realidade que reage ativamente diante da minha presença. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.144-145)

No estudo dos princípios orientadores e fundamentadores do *MLA de ALQ*, descobrem-se que os conceitos de “objeto”, “âmbito” e “lúdico” se entrelaçam, e que são

fundamentais para pensar e ler de uma forma tanto prazerosa quanto rigorosa. Ademais, essa descoberta só se emerge após a clara distinção entre âmbitos e objetos.

Neste contexto, vale aqui compor um exemplo: um pequeno diário de uma jovem, visto como varias folhas de papéis: é uma realidade com certos limites que, pode ser manuseada, amassada, queimada ou riscada por qualquer pessoa. Por sua condição material tem características próprias de “objeto”; e que, portanto, pode ser possuído e utilizado como meio para uma determinada finalidade. ALQ define “Objetos” como realidades delimitadas, tangíveis e mensuráveis.

Porém, o diário visto como meio expressivo do cotidiano de uma vida, de experiências, de intimidades, não é produzido de modo artesanal como os objetos (materiais); antes, trata-se de uma criação por um ser transmissor de diversas possibilidades, não fechadas em si mesmas, cuja natureza em consonância com as características desse seu ser criador, abre-se a muitas interpretações. Isto exige certa iniciativa e propõe determinadas exigências. Na realidade, ela (a criação), só começa a existir quando alguém a interpreta. ALQ descreve esta realidade como relacional, por ser fruto de sua interação com (os seus) intérpretes. O diário é então uma realidade dinâmica que forja novas realidades: quer dizer, desabrocha capacidades que até então estavam adormecidas, como por exemplo, capacidade de síntese, de análise, de imaginação, de criação etc. Isto quer seja em relação ao próprio criador (no nosso exemplo, o do diário), quer seja em relação ao seu um possível interprete. Trata-se de tramas de inter-relações e vínculos constituintes dentro de um grande campo de jogo que não podem ser demarcados de uma maneira “objetiva”, mas que são reais e transformadores, um “âmbito”. “O âmbito é um *“campo de encuentro”*, um espaço

lúdico que se forma na interação dinâmica entre realidades, e essas realidades se auto-revelam e adquirem na consciência um sentido iluminador.” (PERISSÉ, 2004a, p. 36).

Após a compreensão de conceitos dos parágrafos anteriores, retoma-se a nossa análise do MLA, este método segundo o pensamento de ALQ, pertence a uma pedagogia do encontro, cujo pano de fundo é um tempo de perplexidades em que se notam, em nível pessoal e coletivo, atitudes alimentadas pelo egoísmo e pelo falso ideal do domínio.

As vidas humanas são tecidas por diferentes realidades circundantes, ações e acontecimentos. Nela, tem-se a necessidade de descobrir valores e fomentar idéias humanizadoras. É necessário interpretá-la com lucidez.

Quando o ser humano vê as realidades circundantes em todas as suas dimensões, com os diferentes modos que abrangem (realidade objetiva e realidade ambital), tende a criar com elas diversas relações de encontro, não a dominá-las. Essa atitude de abertura desinteressada dá lugar aos processos de êxtase, que o eleva ao melhor de si mesmo. Se, ao contrário, adota uma atitude de egoísmo, que o leva a querer dominar e possuir para proveito próprio, facilmente caíra na tentação de reduzir todas as realidades a objetos, a algo disponível, manejável... E essa redução desencadeia os processos de vertigem, os quais diminuem ao máximo sua capacidade de instituir modos elevados de unidade com as realidades do ambiente. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.287).

ALQ relata quando um ser humano amplia sua visão de vida, percebendo suas dimensões, (realidades objetivas delimitadas e determinadas para um fim e realidade ambital, considerada também delimitada, mas aberta a outras realidades,

podendo ser afetada pela ação de outros seres e, ao mesmo tempo exerce influência sobre eles.) tendendo a criar relações de encontros. Nasceram dessas relações dois processos: de êxtase e de vertigem.

No processo de vertigem, perdemos a consciência da verdadeira realidade devido a um conjunto de forças egocêntricas. Atingimos êxitos brilhantes, porém num nível inferior, reducionista e destrutivo. Nesse caso, nos entregamos a uma experiência de vertigem, satisfazendo apetites imediatos, mas inviabilizando nosso aperfeiçoamento como seres de encontro.

Quando se age impulsionado pela sede de domínio, tende-se a rebaixar o patamar do homem e de algumas de suas principais atividades sob o pretexto de que é necessário desmascarar os triunfalismos falsos e as ilusões vãs. “Disseram-lhes”, sussurraram-nos no ouvido, que a arte é algo elevado, que dignifica o homem. Eu lhes direi a verdade: a arte nada mais é do que um meio para sublimar os instintos reprimidos. Fizeram-lhes crer que a religião constitui um nível sublime da vida. Eu lhes revelarei a verdade: a religião nada mais é do que um instrumento de poder, mediante o qual as classes altas mantêm submissas as classes mais necessitadas. (IBIDEM, p.38)

O processo de vertigem é caracterizado pelo domínio e posse, sem consistências sólidas para nossa vida apesar de possuir uma energia relevante gerada por falsos ideais humanos. Assim, não criamos relações com o nosso ideal autêntico da vida, a criação de formas relevantes de encontro e não atingimos a meta de nossa formação moral e ética. “A falta de respeito a que nos leva o egoísmo arrasta o

processo de vertigem. A vertigem da ambição de poder impele a mobilizar as técnicas de manipulação mais sofisticadas e aviltantes.” (IBIDEM, p.46).

Em oposição à vertigem, o processo de êxtase é inspirado por atitudes criadoras e fecundas das formas mais elevadas de unidade. Esse processo é gerado de atitudes desinteressadas, sem domínio de nenhuma das partes, sem seduzir, mas num colaborar intercambiando possibilidades de todos os tipos.

Se sou generoso e desinteressado ao ver uma realidade atraente – uma pessoa, por exemplo – não encaro essa atração como um motivo para dominá-la ou seja, para seduzi-la (nível 1), mas como um convite para colaborar com ela, intercambiando possibilidades de todo os tipos. Esse intercâmbio dá lugar a uma relação pessoal de encontro (nível 2). (LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p.43)

Em nossos relacionamentos, criamos um campo lúdico, de troca, de jogo, à luz do qual reconhecemos ou descobrimos novas realidades: “O jogo da vida é fonte de sentido e luz, pois é o próprio jogo que sugere as “jogadas” existenciais no tabuleiro da existência.” (PERISSÉ, 2006, p.24).

Nasce um novo saber no cerne das relações humanas. Relações que podem ser harmoniosas e integradas, promotoras de amadurecimento pessoal e definidoras de um modo peculiar, uma “personalidade”, de acordo com o pensar de cada um de nós.

As experiências de êxtase – ou extáticas – são inspiradas por uma atitude de generosidade, da qual deriva uma outra série de atitudes muito fecundas: o respeito, a receptividade, a humildade, o agradecimento, a responsabilidade, a perseverança, a confiança, o realismo, a tenacidade e a firmeza... São

experiências que possuem todo o dinamismo e a energia que outorga ao homem o fato de ele tender para o ideal da unidade como um valor supremo que reúne os demais valores. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.307)

Um ser humano, segundo ALQ, não pode ser delimitado, demarcado ou medido em seus diversos aspectos – ético, afetivo, estético... – a pessoa humana não é objeto:

Sabemos por experiência o que é o corpo humano, pois somos corpóreo e vivemos corporalmente. Pensemos profundamente, peçamos auxílio à imaginação criadora e vejamos se nosso corpo é um *objeto* ou se é um *âmbito*. O corpo, à primeira vista, parece ser um objeto, já que pode ser pesado, delimitado, agarrado... Mas, enquanto corpo de uma pessoa, ele se reduz a objeto? Dou-lhe a mão de maneira efusiva, e você sente na pressão que a minha mão exerce sobre a sua o afeto que sinto por você e a alegria que toma conta de mim ao encontrá-lo. Minha mão mostra um poder expressivo que nenhum objeto, como tal, pode possuir. (IBIDEM, p.52)

Nós, seres humanos, podemos promover relações que são fontes de possibilidades, de iniciativas promotoras num campo de jogo, aberto a outras realidades por ser uma realidade dinâmica e dialógica. Realidade de encontro num campo de jogo com poder iluminador, chamado por ALQ de âmbito.

Nos pensamentos de ALQ, os textos literários são ocasião de descoberta de valores. A proposta do MLA consiste em nos “alfabetizar” para essas descobertas, mediante a leitura criativa. O método em questão é uma proposta para formar leitores

que ultrapassem o simples “uso” do texto, aprofundando numa relação com a capacidade de criar âmbitos de expressividade, interação e beleza com as palavras.

O MLA, bem empregado, pode proporcionar ao leitor um maior amadurecimento, exercitando “olhos criativos”, ferramentas para a leitura criativa.

Leitura Criativa está ligada à filosofia de López Quintás na proposta do seu Método, tendo como objetivo educar integralmente o ser humano, como “*ser de encuentro*”, que ao encontrar se enriquece como ser humano e desenvolve uma inteligência criativa que por sua vez, dá luz ao pensar com rigor e à leitura criativa. “Acostumar--se a descobrir, rapidamente, o nível de realidade em que estamos nos movendo em cada momento ou em que se move o personagem de uma obra literária ou a pessoa com a qual conversamos é um passo indispensável para pensar com rigor.” (IBIDEM, p.68).

Essa leitura parece ser um procedimento eficaz de interpretação, pois mantém um diálogo vivo com o texto. Neste caso, o autor e o leitor dão significado à compreensão das relações numa leitura que pode e deve ser baseada num conhecimento do real. Essa leitura por sua vez é embasada no exercício da liberdade humana, leitura original, prazerosa e criativa, constituindo uma re-criação.

De acordo com ALQ: “toda lectura auténtica constituye una re-creación” (LÓPEZ QUINTÁS apud PERISSÉ, 2004, p.108)

O leitor na leitura criativa vai além da mera decodificação de conteúdo. Dialogando com o texto, funda com ele um âmbito, um espaço lúdico e criativo. “Graças à linguagem, podemos dar perfis definidos a âmbitos de realidade que são muito difusos e de contornos indistintos.” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.29)

Em síntese: a Leitura Lúdico-Ambital favorece novas formas de compreensão, de unidade entre o ser humano e o mundo, promove a vontade e a sensibilidade do leitor: Leitura que cria, inspira, e atinge um estágio estimulante que provoca a inteligência.

Quem lê criativamente, com inteligência, vivendo intensamente o que lê, tem a capacidade de inteligir – *intus + legere = ler dentro* -, de ler o mundo, as pessoas, a história do mundo, a biografia das pessoas, de interpretar, de compreender, de considerar, de superar obstáculos, limitações, prisões. (PERISSÉ, 2004b, p.23)

Nesta perspectiva, relata-se aqui uma leitura promotora de diálogo criativo entre leitor e texto, e entre leitor e realidade, abrangendo novos horizontes e novas perspectivas de interpretação e compreensão.

Na relação e no diálogo criativo “**leitor X autor**”, surgem as possibilidades promotoras da quebra do monólogo entre eles, sugerido pelo MLA.

Quando o leitor recria o texto, identifica sua melodia profunda, reproduzindo-a com uma voz pessoal, com uma visão de mundo pessoal, conferindo ao texto a chance de viver. Pareyson diz claramente: “à execução é o único modo de viver da obra”. O executante, em virtude justamente de seu talento e sensibilidade, traz à luz os valores estruturantes da obra. O leitor desperta a vida originária do texto (despertando ele também, leitor, para a leitura da vida). Se há várias formas de despertar a vida do texto, uma certamente jamais a despertará. As que despertam chamam-se leituras lúdicas e criativas. A que não desperta chama-se leitura arbitrária, superficial ou reducionista. (PERISSÉ, 2006. p.1)

Perissé confirma o pensamento de ALQ: a proposta de um vínculo existente entre leitor e texto de modo lúdico, por meio de um jogo nascido da experiência humana dentro de uma reflexão que aflora o olhar e a capacidade criativa do leitor, de modo que perceba o dinamismo interno e o poder expressivo do texto.

Re-enfatiza-se que a leitura criativa contribui para nosso amadurecimento e aperfeiçoamento humano, quando promove um exercício dialogal, gerador de descobertas da nossa realidade humana como seres que se aprimoram e aperfeiçoam pelo diálogo com possibilidades de visões e novas decisões.

Intensificamos nosso existir, conscientes dessa intensificação, empregando na leitura nossa capacidade de pensar, imaginar, intuir, lembrar. Compreendamos melhor a incompreensível condição humana, acompanhando as peripécias de um personagem, saboreando as aliterações e rimas de um poema, quase tocando as imagens descritas por um escritor, sofrendo verdadeiramente com o sofrimento de um ser ficcional, alegrando-nos com a alegria de uma criança inventada. (IBIDEM, p.12).

O MLA propõe caminhos que amadurecem e ampliam a vida do leitor e sua visão leitora. Nesse estágio ampliativo, surge uma nova perspectiva de interpretação e compreensão, em que o leitor mergulha num jogo reflexivo com poder clarificador da linguagem do texto.

O Método Lúdico-Ambital exige de nós, em etapa anterior à sua própria aplicação, uma atitude radical. Mais do que nos pormenores estilísticos do texto, nossa atenção deverá se concentrar naquilo que faz a obra literária ser luz para si mesma e para nós. A obra literária como âmbito, como “*campo de juego*”. (IBIDEM, p.25).

Precisamos nos expor à luz que o próprio campo de jogo emite. Esse campo de jogo resulta de uma relação com o texto: “O leitor criativo estabelece um vínculo com o texto, um diálogo, em que ponha em jogo toda a sua capacidade intelectual, imaginativa, fundando um âmbito novo, uma atmosfera iluminada em que leitor e texto encontram sua verdade.” (PERISSÉ, 2004. p.51).

Na convivência humana, dialogar é jogo criador, buscando e trocando informações, partilhando costumes, crenças, vidas, respeitando regras, participando de trocas com respeito mútuo e reconhecimento do outro. Na perspectiva de ALQ, essa troca forma pessoas de modo integral com bases em uma vida plena de lucidez intelectual e fecundidade criativa. O autor propõe a possibilidade de o ser humano afinar sua sensibilidade para distintos valores “os mais altos”, em uma vida penetrante e criativa numa conquista da capacidade humana aprimorando o pensar com criativamente.

Percebemos, cada vez com maior clareza, que pensar sem rigor, frivolamente, causa estragos na vida do homem. É sumamente perigoso. A tal ponto que pode levar a humanidade à hecatombe, ao mesmo tempo em que a convencem de que ela está ascendendo a cotas nunca alcançadas de felicidade. Por pouco que reflitamos, perceberemos que nos encontramos numa encruzilhada: podemos encaminhar-nos para um humanismo perfeitamente adaptado ao

nosso ser mais profundo, ou então nos dirigir para a destruição de todo humanismo digno de tal nome. De cada um de nós depende o encaminhar da humanidade por uma ou outra dessas direções. Todos nós temos alguma responsabilidade em relação a isso. (LÓPEZ QUINTÀS. 2004, p.32 e 33).

Na medida em que nos ajuda a fundar com o texto uma relação fecunda, o MLA leva-nos a refletir sobre nossas vidas e valores. Nessa reflexão, percebemos a necessidade de relacionamentos intensos humanizadores e dialógicos.

Segundo o método, a leitura lúdica e criativa faz com que todo leitor recrie o texto lido, de forma a despertar vida ao texto.

O MLA realiza-se mediante cinco passos, cuja dinâmica interacional entre si possibilita e gera o desenvolvimento da Leitura Criativa, de modo que a leitura seja vista como diálogo, em que qualquer tipo de texto, com suas palavras instigam desafios interpretativos e oportunidade de se estabelecer relações fecundas, profundas, promotoras do despertar de sensações, e novas idéias.

Em termos estritamente didáticos e sintéticos, os cinco passos que constituem o MLA, podem ser descritos como se segue:

O **primeiro passo** consiste em distinguir o tema e o argumento. O argumento é lido de imediato, ou seja, de modo literal; o tema, ao contrário, trata-se do núcleo que contém em si o sentido.

O **segundo passo** é a contextualização da obra, procurando-se reconhecer e localizar motivações profundas que levaram o autor a escrevê-la.

O **terceiro passo** consiste em uma análise detalhada (por exemplo: um texto literário), para apontar e compreender as experiências que criam e/ou destroem âmbitos

no texto, atingindo a interação obra-leitor, de forma a configurar o sentido profundo da leitura. Aqui, surgem perguntas de extrema relevância: Quais as experiências decisivas do relato? Quais as principais experiências vivenciadas pelos personagens e onde podemos localizá-las? Destas, desdobram-se espaços para a *criação rigorosa* (ou seja, da Leitura Criativa), que se caracteriza mediante a dinâmica capacidade de se inserir na obra.

O **quarto passo** é o perceber a beleza da imagem, do simbólico, sua dimensão dentro da obra, utilizando-se da sensibilidade como desdobramento do lúdico (Lúdico-Ambital) esteticamente, que amplia as luzes no jogo da leitura;

O **quinto passo** consiste em estabelecer relações entre as descobertas existenciais levadas a efeito nos momentos anteriores. Uma avaliação do todo da obra, por meio da apropriação de sua forma como resultado de seus momentos constitutivos que interagem entre si e que vieram à superfície mediante a reflexão. Celso Antunes esboça os horizontes dessa leitura profunda:

Ler é bem mais do que decodificar símbolos; é atribuir sentido ao texto, é compreender, é interpretar. Fazer de um aluno um leitor é como lhe mostrar um osso e, aos poucos, descobrir transformando-se em nave espacial, vagando pelo encanto do imaginário, dançando em uma valsa de Strauss. (2005, p.16-17).

Para Perissé, o MLA é como um exercício de objetividade pessoal. O texto não se torna um mero objeto das intenções de quem analisa, nem o leitor permite que o texto o transforme num “objeto” sem biografia, sem idéias, distante e indiferente. (cf. PERISSÉ, 2006, p. 11) .

CAPÍTULO II: ENCONTRO E ÂMBITO

**Quem diz Tu não possui coisa alguma, não
possui nada, mas está em relação.
(Martin Buber)**

ALQ explica que ao falar em encontro, normalmente pensa-se em duas pessoas ou mais que entram em relação de proximidade e de presença. No entanto, ele comenta que Heidegger começa sua conferência *Das Ding* [A coisa], perguntando por que o homem de hoje, mesmo tendo anulado as distâncias, não estabelece uma verdadeira proximidade. (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.125)

Entende-se que, quando se está próximo de alguém não é a mesma coisa que estar presente. Estar presente supõe uma relação lúdica, um intercâmbio ativo de possibilidades. Esse intercâmbio pode ocorrer entre pessoas, mas também entre pessoas e *âmbitos*, realidades que não são pessoas, mas tampouco se reduzem a objetos.

Na relação lúdica, somos promotores de campos de realidades que, por sua vez, configuram em suas relações vínculos fecundos com realidades do ambiente circundante.

Se o encontro é um entreveramento de âmbitos e se o homem é “um ser de encontro”, adquire um especial interesse para a vida determinar se podemos transformar os *objetos* em *âmbitos*. Em caso positivo, aumentam indefinidamente as possibilidades de encontro dos homens entre si e com outras realidades, e a vida se enriquece de maneira especial. Esse enriquecimento se deve ao fato que o homem, por meio do encontro,

participa de realidades que lhe oferecem possibilidades de agir com sentido.
(LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.125).

O encontro é, segundo ALQ, entrar em jogo para promover um enriquecimento mútuo. No âmbito do encontro, supera-se a cisão entre o dentro e o fora, o aqui e o aí, o meu e o seu.

O homem é um ser de encontro que se humaniza de muitas maneiras, aproxima-se da sabedoria, experimenta modos de unidade com qualquer ser ou coisa existente.

O ser humano não é um ser a mais no conjunto do universo. Se é verdade que tudo se relaciona com tudo, o ser humano não apenas vive a relação, deseja-a, sabe que ela é fundamental para o seu aperfeiçoamento e que tal relação, embora possível por si mesma e, de certa maneira, natural e espontânea, em boa medida requer busca positiva, cultivo, paciência, generosidade. (PERISSÉ, 2006, p.14)

O encontro promove interação e enriquecimento mútuo para as partes envolvidas. Na interação, as diferenças são tratadas com respeito, são preservadas, mantendo-se uma unidade que partilha e não se perde, propaga-se.

No âmbito do encontro, supera-se a sensação terrível de que podemos perder justamente aquilo que tanto queremos possuir. Desfeita a cisão entre o *meu* e o *seu*, dicotomia própria da lógica do domínio, o *nosso* torna-se subitamente visível.... E, na unidade, o que se compartilha não se perde, multiplica-se. (PERISSÉ, 2006, p.20-21)

Sabe-se que tudo no universo se relaciona com tudo, o homem é um ser de relações, as vivem e elas são fundamentais para o aperfeiçoamento humano.

É fundamental para o aperfeiçoamento humano que suas relações e encontros em boa medida sejam uma busca positiva, caso contrário, pode-se prejudicar como seres e arruinarem sua existência.

Segundo ALQ, o veículo do encontro é a linguagem. “Uma vez descoberto este poder da linguagem, torna-se compreensível que uma palavra proferida com criatividade possa construir toda uma vida, e uma palavra dita com intenção negativa seja capaz de destruir uma existência inteira.” (LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 43)

No caso da leitura, a opção por estabelecer uma relação fecunda com o texto envolverá uma série de passos a fim de produzir vínculos, diálogo, percepções, compreensão de uma realidade. Caso contrário, um texto pode ser considerado apenas um grupo de palavras, frases lançadas numa simples folha de papel. Ou, em uma relação fecunda, esse texto pode ser considerado uma realidade eloqüente, despertadora de sensações, emoções, uma viagem num tapete mágico.

Vivemos numa realidade, que segundo ALQ, apresenta duas vertentes: uma objetiva; e outra “ambital”. Ambas se integram mutuamente por meio do pensar com rigor de forma criativa, une dois níveis distintos e complementares de realidade. O autor, para expressar com objetividade o seu pensar, utiliza a expressão “*pensar em suspensão*”, ou seja, para se referir à atitude peculiar e própria do pensamento rigoroso. (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.117)

A primeira vertente é definida como algo superficial com o fim de dominar e usar. Trata-se da concepção segundo a qual o mundo é a não ser um simples objeto.

Algo para a servidão, reduzido a mero objeto de dominação. É a vertente do indivíduo coisificado, disjuntivo, que desvaloriza a riqueza da complexidade social, cujo conhecimento da realidade nunca ultrapassa o patamar da fragmentação. Nesta dimensão, conhecimento fragmentado corresponde a indivíduo fragmentado, e vice-versa.

A segunda, oposta à primeira, corresponde ao espaço Lúdico-Ambital. Nesse sentido, esta vertente propugnada por ALQ diz respeito ao sujeito, torna-se capaz de interpretar, estabelecer diálogo, já que se trata de um campo de encontro, isto é, do lúdico, com suas possibilidades e limitações, exatamente no sentido empregado por López Quintás. Perissé caracteriza tal vertente do seguinte modo:

O ser humano é realidade ambital por excelência, por seu dinamismo, por sua irreduzibilidade, por sua condição inteligente e por sua condição de ser livre, capacitado a oferecer respostas criativas e inesperadas aos estímulos que recebe cotidianamente, capacitado a gerar vínculos significativos com outras pessoas e com o seu entorno. (2004a, p.36).

ALQ define âmbito como um campo de jogo com poder iluminador. O Âmbito só se revela a quem entra em relação ativa com ele. Não é mensurável nem delimitado, trata-se de uma realidade dinâmica que estabelece diálogo com outras realidades, dando origem a novas realidades. O ser humano dentro de suas relações com suas realidades de encontros é visto como âmbito. Em suas relações, as partes envolvidas se exigem e se completam.

Ao ler de modo criativo, mergulha-se em âmbitos de realidade lúdica que são fontes de iniciativas, que por sua vez estimulam a inteligência humana e a imaginação.

Cada obra literária plasma, em imagens, diversos temas que, por dizerem respeito à nós, por interferirem na nossa compreensão das múltiplas tensões da vida, possuem necessariamente uma dimensão ética a ser destacada. O método lúdico-ambital propicia o jogo da leitura criativa, da leitura como fonte de luz e sentido para compreendermos melhor o jogo da existência. Analisada realisticamente, ludicamente, criativamente, uma obra literária converte-se em ocasião fantástica de aprendizado ético. (PERISSÉ, 2006, p.110).

Encontros se estabelecem porque se manifestam iniciativas: disposições para o diálogo. O encontro é um acontecimento criativo em que a linguagem exerce função primordial.

Com as iniciativas são enriquecida a visão de mundo do homem, o modo de viver e conviver, na medida em que relaciona-se com a linguagem de modo profundo, sensível e reflexivo, utilizando suas experiências, dúvidas, intuição, convicção etc.

Uma partitura aparece como simples objeto para aquele que desconhece a linguagem musical. O intérprete descobre nela um magnífico poder expressivo que lhe dá vivacidade e lhe confere certa iniciativa. A partitura orienta, manda, constitui um limite para a atividade do executante. É um “âmbito”. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.54).

ALQ destaca a importância da linguagem como veículo de possibilidade e criação de relações de encontro. Ela é expressão com poder de construir e colaborar na

definição das relações. “Linguagem autêntica é aquela que não serve apenas de meio para nos comunicarmos. Mas de meio no qual estabelecemos formas de encontro.” (IBIDEM, 2005, p.40)

Essa linguagem é a expressão do leitor e da leitura criativa, não serve apenas para a comunicação, mas de *meio* no qual se estabelecem formas de encontro. Ela exige o pensamento rigoroso, um pensar em que nossa inteligência requer três dimensões: longo alcance, amplitude e profundidade para conceder luz suficiente para saber prever e reconhecer tudo o que uma realidade é e implica.

Tais condições não são alcançadas mediante a mera mobilização de diversas técnicas de adestramento da mente, mas graças à vontade de penetrar em cada uma das realidades e conhecê-las adequadamente. Possuir esse conhecimento equivale a *pensar com rigor*. Essa atitude é inspirada pelo ideal generoso de criar formas elevadas de unidade com o ambiente. É um ideal anos-luz superior ao de domínio e possessão. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.22)

Nesta filosofia, o autor salienta a importância do estudo dos âmbitos em na vida humana e justifica como vital estabelecer a distinção entre objetos e âmbitos, porque tal distinção consiste na mediação imprescindível pela qual dá-se a criação de um novo olhar, de um novo sentido para a vida.

Neste momento, estamos estabelecendo as bases sobre as quais deve assentar-se nossa formação humana. Uma delas é a distinção entre objetos e âmbitos. À medida que a formos compreendo mais de perto e nos pormenores,

ela nos permitirá obter uma visão do mundo e da vida totalmente nova, muito mais apurada e rica. (IBIDEM, 2004, p.55)

Fundar âmbitos, pensar com rigor, aprofundar-se na própria condição humana e viver criativamente se implicam, se exigem, se fecundam mutuamente. Em outras palavras, trata-se do viver com fidelidade às realidades descobertas por meio de relações e vivências criativas que interligam o viver de cada indivíduo com a dimensão espacial Lúdico -Ambital.

No contexto criativo, simultânea e reciprocamente, se estabelecem intercâmbios de realidades e aberturas de condições fertilizadoras, que nascem da esfera formada dentro de um campo lúdico que gera toda uma gama de possibilidades e de iniciativas. “O encontro implica entreverar o próprio âmbito de vida com o de outra realidade que reage ativamente diante da minha presença” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 145)

O que é esboçado aqui é um jogo em que os jogadores têm perspectivas e, à medida que tomam consciência no processo do seu transcorrer, são enriquecidos por um pleno desenvolvimento pessoal que se concretiza no ser, proporcionando regozijo e júbilo, alegria disposta em vários graus, segundo o MLA, configurado em uma energia que opera simultaneamente em duas faces (ainda que distintas entre si) que compõem uma mesma realidade: autenticidade pessoal e comunitária.

CAPÍTULO III: EXPERIÊNCIAS REVERSÍVEIS

**A vinculação de *receptividade e atividade* é condição inevitável de toda atividade criadora em uma pessoa humana, que é um ser finito.
(Alfonso López Quintás)**

No pensamento de ALQ experiências reversíveis são experiências bidirecionais possíveis apenas entre seres com certo poder de iniciativa que nos dá condições de criar com as realidades uma relação enriquecedora, criativa. Ele explica que existem inúmeras interações de realidades e que ao interagirmos com elas, contribuem para um sentido pleno no viver e no desenvolvimento de novas possibilidades para um espaço de estímulo à criatividade, proporcionando experiências significativas que dão sentido às nossas vidas.

Quando realizamos experiências reversíveis e nos aprofundamos na imensa riqueza que encerram para a nossa vida, damos um salto gigantesco em direção ao amadurecimento. [...] Ao ver nossa autêntica liberdade salvaguardada, podemos lançar-nos a viver com entusiasmo uma existência fiel a normas e preceitos que sabemos ser eficazes... (LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 23)

Na base das experiências reversíveis está um profundo respeito pela realidade e em atitudes de respeito recebemos luz para fundar novas realidades, dotadas de sentido. Vêm-se as realidades com que se estabelecem relações, não como objetos passivos, mas como seres autônomos. Desse modo, adquire-se elevados valores e converte-se em virtudes: generosidade, veracidade, cordialidade, paciência

que se convertem em qualidades de vida pessoal fomentando o viver. (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 29)

Deixa-se de ser o “eu” solitário e incompleto e gera-se solidariedade e simpatia, e manifesta-se confiança e fé. Passou-se a trocar confidências e idéias de modo a disponibilizar o espírito humano, ouvindo o “outro” e, de modo dialógico e íntimo se relacionam com fidelidade.

Fidelidade não é passividade, envolve criatividade geradora de flexibilidade e mudança. Neste sentido, Produz-se relação duradoura com uma união compartilhada pelas partes envolvidas.

Isto, segundo ALQ, é a conjuntura nascida do encontro lúdico e ambital: energia incessantemente em busca de definições; metas humanas diretivas à vida criativa.

Experiências reversíveis são realizadas somente entre realidades abertas (âmbitos), que não sejam meros objetos fechados em si. (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.105)

A questão norteadora é de um amadurecimento que nasceu da iniciativa humana e moldou-se pelo respeito aos âmbitos no que são ou virão a ser. Um compromisso que implicará, ao mesmo tempo, receptividade e atividade numa tendência pensante e recriadora.

Só podemos realizar estas fecundas experiências reversíveis (também chamadas bidirecionais) com realidades que não sejam objetos (seres fechados em si, nível 1), mas “âmbitos” (realidades abertas a quem deseje assumir as possibilidades oferecidas, nível 2). Por isso, se queremos enriquecer nossa vida e desenvolver-nos como pessoas, devemos respeitar os âmbitos,

respeitar o que são e o que estão chamados a ser, sem reduzi-los a objetos.
(LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 23).

Nesta trajetória, procura-se um sentido pleno de vida, um ideal para o dia-a-dia, alimentado por atitudes virtuosas ao viver o encontro plenamente. Para ALQ, é muito importante que se descubra nos ideais humanos e constitua-se uma liberdade humana baseada em opções, que não devem ser feitas de acordo com interesses egoístas.

É preciso orientar a vida para um ideal ajustado ao próprio ser como pessoa. O ideal de “saber para poder, e poder para ter domínio e hegemonia” deve ser substituído pelo ideal de “saber para poder, e poder para colaborar na instauração de uma sociedade mais justa e solidária”. Essa mudança de ideal orienta a vida de uma forma distinta e abre horizontes muito amplos. (IBIDEM, 2004, p.41)

Na leitura criativa, as experiências reversíveis permitem o ouvir da voz interior de um poema e estabeleçamos com ele uma união.

Continuam sendo duas realidades diferentes, mas já não estão um fora do outro. Seus destinos se uniram. O poema vive porque você (e outros intérpretes) lhe dá vida, e você se desenvolve culturalmente graças ao poema (e a outras obras de qualidade), que lhe oferece o tesouro de sabedoria e beleza que alberga.
(LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p.22).

Com intimidade de uma voz interior a leitura torna-se translúcida, e o leitor interpreta a obra de modo criador, não meramente mimético. Ele “vive” a amplitude das palavras. “conhecer uma palavra é penetrar em suas relações com outras, descobrir seus influxos mútuos, a trama formada por todas elas entre si.” (IBIDEM, 2004, p.33)

O leitor põe em jogo sua capacidade criadora, e se surpreende com a riqueza expressiva, fonte de sentido. Trata-se de relações reversíveis, de dupla direção, entra-se em jogo e se é iluminados por ele.

Você deu um salto: do nível de *mera produção* elevou-se ao nível da criação. Quando estava frio e agia a partir de fora do poema, *produzia* sons e palavras prosaicas. Agora que você está instaurando com o poema um campo de jogo comum, pronuncia palavras poéticas, que são palavras criadoras. Uma palavra poética não só alude a um conteúdo: ela *cria* um campo de sentido. (IBIDEM, p.117)

Num encontro vivo, o ser humano amadurece como pessoa livre e criativa, amando e vivificando a verdade, numa visão da vida.

Como leitor, aprende-se a despertar o sentido implícito, latente da leitura, da linguagem, das palavras, dos sentimentos expressos, de modo que são conscientizados e inundados pela beleza da obra. “Lendo o livro com uma atitude de receptividade ativa, de criatividade, alcanço novo nível de experiência amadurecedora. Recebo doses de energia criadora, dinamizo minha inteligência, minha sensibilidade.” (PERISSÉ, 2006, p.25)

CAPÍTULO IV: IMAGENS

**Para quem tiver olhos treinados
para ver, para ler...,
o que, na vida cotidiana,
pode com frequência passar despercebido.
(Gabriel Perissé)**

ALQ salienta a importância da beleza e a eficácia da imagem existente num texto. Nesse sentido, os conceitos utilizados nos pensamentos da filosofia do autor adquirem aplicabilidade na leitura.

Na leitura, o leitor, ao entrar em jogo com o texto, encontra-se com ele, mantém uma receptividade ativa e nasce uma trama de inter-relações. A leitura deflagra um complexo exercício interior com o leitor que ao ler, põe em ação os sentimentos, à vontade, a memória, a imaginação, a inteligência. Nessa criatividade, alcançamos um nível de experiências que amadurecem o leitor.

O amadurecimento do leitor colabora no encontro e nas relações com o texto, aguça sua sensibilidade e amplia sua capacidade de captar o dinamismo interno de sua leitura, enfim uma leitura criativa.

Assim, o leitor criativo envolve-se profundamente com o texto e identifica o poder expressivo: das palavras, das cenas descritas, das imagens, das metáforas, dos personagens em ação etc. “Aprender a ler as diferentes linguagens é pressuposto indispensável para pensar com rigor.” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.73)

Segundo ALQ, distinguir modos diferentes de realidades é uma chave segura para pensar com rigor. Ele indica também que a linguagem não deve ser usada

precipitadamente e de forma indiscriminada. O simples fato de se utilizar certas palavras já situa o pensamento num nível determinado da realidade. O autor define diversos modos de linguagem: linguagem prosaica, poético-literária, musical, arquetônica, pictórica, paisagística dos jardins, escultórica, dramática, científica, da vida criativa. Ainda ele afirma que se pode pensar de forma adequada, mesmo que embora não se conheça alguma dessas linguagens. Acrescenta que se torna inevitável o conhecimento da linguagem da vida pessoal, a que expressa o que a pessoa é e como ela se desenvolve, alegando que quem não se move com desenvoltura nessa linguagem não poderá afirmar que sabe pensar adequadamente.

A utilização precisa dos vocábulos é sumamente importante porque faz justiça àquilo que representa cada uma das realidades ou processos aos quais se faz referência. Significa por isso mesmo, “pensar com rigor”. Quando uma pessoa não pensa com rigor, ela violenta a realidade, e esse ato de violência se paga sempre muito caro, pois a realidade sempre se vingará. A vingança da realidade consiste no fato de não permitir ao homem desenvolver-se devidamente. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 32)

O leitor criativo capta e penetra nas formas de expressão; eleva-se ao nível da criatividade sensibilizado pelos significados inerentes e, portanto, contidos nas palavras emitidas e derivadas de um “pensar com rigor”. Quando se diz, por exemplo, no contexto de uma sala de aula, que o aluno pode escolher a data da avaliação, não se trata de uma liberdade, na medida em que o “escolher” não expressa o direito de o aluno tomar uma posição alternativa no sentido de não realizar a avaliação. Portanto, o vocábulo “escolher” no contexto da sala de aula, se apreendido criativamente pelo

mesmo, implicará que este terá a consciência de que ele, em última instância, não exercerá um ato de liberdade. Ora, a avaliação é uma determinação que extrapola o caráter autônomo do aluno, já que em relação a esta, não lhe resta nenhuma opção.

Ademais, de acordo com a elaboração de López Quintás, o leitor criativo percebe a beleza e a eficácia lúdica da imagem. Nessa percepção, o leitor observa duas vertentes: a sensível e a supra-sensível, a objetivista e a lúdica. Como diz Perissé: “É um ponto alto no jogo da interpretação trabalhar essa imagem e nela identificar um sinal que nos remete de novo ao sentido do texto”. (2006, p.31) .

As imagens presentes no texto colaboram para que o leitor vislumbre realidades convocadas pelo autor, aguçando ainda mais seu olhar para o poder expressivo e profundo da linguagem. “O simples fato de se utilizar certas palavras já situa o pensamento num nível determinado da realidade”.(LÓPEZ QUINTÁS,2004, p.70)

ALQ cita o exemplo prático de uma simples pergunta: se já são cinco horas e se obtenha a resposta: “sim”, nota-se que a linguagem foi utilizada para uma observação simples; por outro lado, num contexto de cerimônia matrimonial por exemplo, se diz “sim” como aceitação da companhia conjugal. Como se observa, aqui, neste contexto, o “sim” possui um valor muito mais elevado, um valor criativo. O “sim” aqui expressa mais que um simples desejo: conota a aceitação de determinada pessoa como cônjuge; expressa o significado da vida conjugal como um grande acontecimento, como um momento constitutivo e de realização da vida. A palavra “sim”, como se pode notar, neste preciso contexto, conecta-se com todo um campo de possibilidades: realização pessoal, felicidades, construção de uma vida em comum etc. Em resumo, o significado da resposta a determinada pergunta, é determinado pelo próprio contexto no interior no qual a pergunta foi formulada. (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.56).

CAPÍTULO V: OS CINCO PASSOS DO MÉTODO LÚDICO-AMBITAL

**Leitor eficaz é aquele que
toma um distanciamento visual e intelectual.
Beneficia-se de seu cérebro direito,
que precisa elevar-se para apreender conjuntos, estruturas.
A águia não vê a paisagem da mesma maneira que uma formiga.
Deve-se, alternadamente, ser águia e formiga.
(Brigitte Chevalier)**

A leitura criativa implica diálogo criador, promovido pela iniciativa do leitor e provocações do texto.

A rigor, a leitura criativa é a única leitura que o texto pede. Quando o leitor criativo recria o texto literário, identificando a sua melodia profunda, reproduzindo-a com uma voz pessoal, com uma visão de mundo pessoal, confere ao texto a sua única chance de viver. (PERISSÉ, 2004a, p. 110)

ALQ propõe por meio de cinco passos a abertura de caminhos para reflexões numa leitura criativa, quebrando o monólogo do texto e ajudando a aprimorar o pensar dando amplitude para outras realidades, a fim de criação de novas e fecundas formas de encontro e de unidade interpretativa.

Como já apontado anteriormente nessa pesquisa, não se contesta a visão da leitura como um meio de conhecimento do mundo e de si mesmo. Quando lemos, fazemos das palavras fontes luminosas da realidade do texto.

A leitura é um ponto de partida para as grandes e verdadeiras descobertas do conhecimento. Compreendido o significado nuclear dos

textos estudados, é necessário encarar os conceitos apreendidos como entidades vivas, irradiantes, que desejam recombinar-se, que reclamam a nossa entrada no jogo entusiasmante do diálogo com o mundo, com as pessoas, para realizarmos a imersão ativo-receptiva em novas experiências, ousarmos dar (em nossa relação com a vida em suas diferentes dimensões) o salto dos níveis objetivista e subjetivista para o nível lúdico, propiciarmos a eclosão do sentido e da beleza das coisas, de Deus e das formigas. (PERISSÉ, 2004a, p.136)

López Quintás propõe o MLA como um espaço privilegiado para se desenvolver a leitura criativa. Esse método exposto, segundo ele, por meio de cinco passos para abertura de caminhos de reflexões que acontecem entrelaçados e não mecanicamente aplicados um a um. São os seguintes, apresentados didaticamente.

5.1 Primeiro passo: Distinguir e identificar *Argumento e Tema*

Este passo consiste em distinguir e identificar, na obra literária, o tema e o argumento. O argumento é o encadeamento das idéias que se apresentam de imediato no texto, numa primeira leitura. Por exemplo, num romance, é o enredo, a história, o encadeamento dos fatos narrados, a descrição dos personagens, aquilo que dizem ou fazem. Num poema é a sucessão de imagens.

Num primeiro contato com um texto qualquer, por mais simples que ele pareça, normalmente o leitor se defronta com a dificuldade de encontrar unidade por trás de tantos significados que são visualizados numa leitura superficial e imediata.

Numa crônica ou numa pequena fábula, por exemplo, o argumento é visualizado pelo leitor nos diferentes personagens, lugares e tempos desencontrados e ações as mais diversas.

Ao falar em argumento, ALQ recomenda manter um olhar numa leitura imediata e literal do enredo, da história, dos fatos narrados, na trama. A título de sugestão, o mesmo autor ainda recomenda que o leitor faça uma exposição resumida do argumento no intuito de recordar-se dele ao longo dos próximos passos do MLA.

O tema é o núcleo de sentido em torno do qual o texto se organiza e nos indica o que é relevante da leitura das palavras em concordância com nossa leitura de mundo. Ele pode ser classificado como o tópico frasal organizador do texto.

Perissé, ao comentar este passo tomando como exemplos duas obras literárias, assim diz: ⁴

A obra literária, como argumento, em geral é pura e simplesmente ficção. Gregor Samsa não existiu, nunca ninguém no mundo acordou transformado em inseto. Kafka imaginou essa situação. Riobaldo, protagonista e narrador de *Grande sertão: veredas*, não existiu e muito menos se apaixonou por uma mulher, Diadorim, que se vestia de jagunço. Foi Guimarães Rosa o criador dessa história. No entanto, os temas presentes nessas e em outras obras não são ficção. Os âmbitos que se fundam ou se destroem ao longo das peripécias de Riobaldo revelam questões que dizem respeito à vida humana em todo tempo e lugar, e não apenas nas Gerais. Todo ser humano, como Riobaldo, está aberto a

⁴ São elas: *A Metamorfose de Kafka e Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa.

experimental o amor conflituoso, o amor que a si recrimina. (2006, p. 28-29)

O tema de *A metamorfose* é definido pela perda de dignidade de uma pessoa dentro de sua própria casa. Gregor Samsa é visto pela família como apenas o filho que trabalhava para dar sustento e pagar as dívidas dela. Nesta perspectiva, a leitura feita de acordo com as orientações de ALQ, possibilita identificar a idéia de uma pessoa que é um fim em si mesma e não um meio para atingir determinados fins. Mensagem que faz o leitor compreendê-la na sua insignificância de inseto.

5.2 Segundo passo: Contextualização da Obra

Trata-se de contextualizar a obra procurando localizar as motivações profundas que possivelmente levaram o autor a escrevê-la. Para isso o leitor deve ser auxiliado por outras leituras procurando localizar os motivos profundos que estimulou o autor a escrevê-la: qual o contexto vivido por ele, suas experiências e suas influências. Se há, o que diz a crítica literária a seu respeito. A história do autor e da obra, sua cultura, seu ambiente, suas leituras, seus amigos, familiares, enfim qualquer vestígio de informação que possa aproximar o leitor da obra e de suas implicações. Isto oferece importantes ferramentas para que o leitor amplie a capacidade de se apropriar de modo criativo e profundo o texto, de descobrir em seu contexto, as experiências decisivas, os valores, etc... que demarcam as distintas personagens criadas pelo autor, e que também possam estar expressando traços marcantes da personalidade do próprio autor.

PERISSÉ, reportando-se à obra de Kafka, comenta assim este passo:

É significativo, por exemplo, que Kafka tenha publicado em vida *A metamorfose* (e solicitado ao ilustrador da capa não desenhar o inseto em que Samsa se transformara), ao passo que outros textos seus condenou à destruição, desejo não atendido pelo amigo-editor Max Brod. Em suma, precisamos colher dados e informações que se mostrem indispensáveis para apreender a motivação profunda do autor, em nome da qual ele se entregou à luta com as palavras. (2006, p. 30).

Dessa forma, o sentido do texto torna-se mais facilmente captável porque inserido num ambiente mais amplo de relações ou de significações. Ou como diz ainda Perissé: “Em suma, precisamos colher dados e informações que se mostrem indispensáveis para apreender a motivação profunda do autor, em nome da qual ele se entregou à luta com as palavras”. (idem, p. 30)

5.3. Terceiro Passo: Experiências decisivas - Criação e destruição de Âmbitos.

Este passo consiste em apontar e compreender as experiências decisivas do texto, aquelas que criam ou destroem âmbitos, configurando o sentido profundo da obra. É uma experiência nada fácil, mas possível de ser aprendida e desenvolvida, trazendo grandes benefícios para o leitor.

Nas experiências decisivas são criados e/ou destruídos âmbitos, que, são determinantes para a configuração do sentido profundo da obra. Leitor e obra produzem

uma única voz interior, fazendo uma leitura produtiva, união e integração, em que ambos se enriquecem. Leitura que ultrapassa os aspectos formais e interage com o leitor, configurando o curso dos acontecimentos. Esse leitor não faz uso da linguagem como se fosse algo de todo feito. A linguagem é uma realidade viva que respeita as normas e preceitos do texto sem critérios próprios, a obra vive graças à relação que existe com o leitor, e o leitor se complementa e aprimora-se como se graças à relação de troca que obteve com a obra. “A linguagem é uma realidade viva e pede que nos relacionemos com ela de modo criador, fazendo jogo. Então, a linguagem se converte em fonte de sentido.”(LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.189)

Para que possamos despertar em nós e em outros a capacidade de ler inteligente e profundamente o texto, de descobrir essas experiências decisivas que são objeto do terceiro passo, devemos conhecer os acontecimentos básicos da vida humana: amor, ódio, fidelidade, traição, agradecimento, pranto, riso, alegria, tristeza, desolação, arrependimento, entusiasmo, encontro, tédio. (PERISSÉ. 2006, p.31)

A linguagem, sob a condição da alternativa de “*se for acolhedora*” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.189), atua como veículo de criatividade, como o meio indispensável sem o qual seria impossível a criação dos modos valiosos de unidade. Sabe-se que existe a necessidade de adequar a linguagem ao nível daquilo que está sendo expresso. Pensar em uma realidade ou acontecimento muito rico em conteúdo e valor e expressá-lo adequadamente, não é tarefa simples; é complexa e exige análise cuidadosa.

López Quintás assevera que a linguagem é o veículo do encontro e esse é uma experiência *reversible*. Ele fala da linguagem que se dá entre *âmbitos* e exemplifica com duas pessoas que interagem seus âmbitos de vida e dão lugar a uma relação amistosa. Neste contexto, segundo o autor, elas não fazem uma amizade; antes, “elas *criam* uma amizade” (IBIDEM, 2004, p.197)

Ainda segundo López Quintás, é importante indicar que um é amigo do outro, não que um tem o outro como amigo. Amigos não se têm; e a amizade não se faz, ao contrário, cria-se. Há grande diferença entre as duas expressões. Se nossos amigos são considerados como meios para que nós obtenhamos determinadas vantagens e consigamos determinados favores, podemos dizer que *temos* amigos poderosos. Mas o autor lembra que nesse caso reduzimos a amizade a um *meio para obter nossos fins*, reduzindo-a injustamente de valor.

Ao despertar a capacidade de leitura, descobrindo experiências decisivas, é essencial o conhecer dos acontecimentos básicos da vida humana: amor, ódio, fidelidade, traição, agradecimento, pranto, riso, alegria, tristeza, desolação, arrependimento, entusiasmo, encontro, tédio. Esses são conhecimentos que se adquirem na vida, por certo, mas também na leitura meditada e comprometida de obras literárias valiosas, procurando sempre surpreender a articulação interna presente nessas obras.

Refazer pessoalmente tais experiências, ao apontá-las durante a leitura, segundo Perissé é compreender suas implicações e, aos poucos, pacientemente, captar o sentido profundo do conto, do romance, do filme, da peça teatral etc. (2006, p.31)

Ele exemplifica esse passo com Kafka em *A metamorfose*:

Assim, quando Grete, a irmã de Gregor Samsa, recusa-se a mencionar o nome do irmão, alegando perante os pais que aquele bicho, que aquele monstro de forma alguma pode ser o seu irmão, elimina a derradeira possibilidade de que este se reintegre à família. Destruída a relação, Gregor perde definitivamente o seu lugar dentro da família, sente-se e fica realmente “fora do jogo”, e morre asfixiado, reduzido a um nível existencial infraciador, na mais completa e esmagadora solidão. (2006, p.30)

Esse é um exercício de paciência, de persistência, de lucidez, humildade e de respeito pelo que há de misterioso ou enigmático no texto que busca sempre interpretar e representar estes aspectos que são próprios da existência humana. Estas qualidades devem ser buscadas com o exercício do método lúdico-ambital.

5.4 Quarto Passo: As imagens

Como diz Perissé: “O quarto passo consiste em perceber a beleza e a eficácia da imagem literária. A imagem é sensível, mas também é lúdica, isto é, ao mostrar-nos um lado observável, sugere a existência de uma dimensão inobjetiva.” (2006, p. 31). É o perceber a beleza da imagem, do simbólico, sua dimensão dentro da obra, utilizando-se da sensibilidade como desdobramento do lúdico (Lúdico-Ambital) esteticamente, que amplia as luzes no jogo da leitura;

Este passo é um ponto alto no jogo da interpretação. Na análise da imagem o leitor identifica sinais que o remetem de novo ao sentido do texto. Perissé exemplifica chamando a atenção para o forte simbolismo apresentado no protagonista kafkiano ao

se transformar em inseto. É importante saber perceber a beleza e a eficácia da imagem literária.

A palavra “inseto”, das traduções brasileiras, remete a *Ungeziefer*, no original alemão, que alguns estudiosos afirmam poder ser traduzida mais corretamente como sevandija^{*}. Embora estranha para o leitor médio, “sevandija” possui uma elasticidade semântica que favorecia a compreensão do texto. Aplicado na zoologia a todos os parasitos e vermes imundos, o termo designa, conotativamente, a pessoa desprezível que vive à custa dos outros e submete-se a todo o tipo de humilhações. O verbo “sevandijar-se” significa rebaixar-se vergonhosamente, aviltar-se, envilecer-se. Numa tradução do alemão para o inglês, Gregor metamorfoseado é descrito como “*vermin*”, o que pode ser entendido como sevandija ou parasito. (2006, p.32)

Ainda segundo Perissé:

(...), essas considerações entorno das imagens presentes no texto lançam novas luzes no jogo da leitura. Propiciam, no momento que nos detemos na linguagem imagética, vislumbrar realidades convocadas pelo autor, tenha tido ele muita, pouca ou nenhuma consciência de tal convocação. (IBIDEM)

Essas considerações formuladas pelo autor são de extrema importância. Ora, em momentos imediatamente anteriores a elas, o autor formula de modo sintético, porém com propriedade a natureza desse passo do MLA em questão. Diz o autor:

* Roberto Schwarz, no ensaio “Uma barata, é uma barata”, sobre *A metamorfose*, faz outra opção: “Um belo dia Gregor Samsa, herói da novela, acorda transformado em barata (traduzimos assim para conservar a violência do alemão *Ungeziefer*, inseto daninho).” (*A sereia e o desconfiado*, p. 43.) No imaginário popular, a barata tornou-se o inseto-referência para quem talvez nem tenha lido o conto kafkiano: na música: na música brasileira mais recente, Luiz Guilherme, Marcelo Marques e Paulinho Moska compuseram a canção *Uma barata chamada Kafka*, com o trocadilho de gosto um tanto duvidoso: “*Sim! Vem cá ficar comigo/ Sim! Vem, Kafka.*”

No caso de *A metamorfose*, o inseto em que Gregor se transformou pode ser visualizado, mas nessa imagem pulsa o valor simbólico, que está para além dos sentidos. É um ponto alto no jogo da interpretação trabalhar essa imagem e nela identificar um sinal que nos remete de novo ao sentido do texto. O protagonista Kafkiano se transformou em inseto. Essa imagem intrigante e inquietante acompanha-nos ao longo do relato (...). (idem 31-32).

A imagem, ou as imagens presentes nos textos provocam a sensibilidade e são também lúdicas, quer dizer, revelam-se por seu lado provocador para a observação mais acurada e sugerem, por outro lado a possibilidade de um jogo que pode dar prazer ao leitor por vários caminhos.

5.5 Quinto Passo: Valorização Geral do Texto

Este passo, reunindo e relacionando entre si as descobertas e *insights* que se produziram nos passos anteriores, motiva o leitor a produzir e criar novos caminhos com sua reflexão. O leitor passa a discernir por conta própria seu processo formativo e encerra seus valores de modo consciente. Lê com profundidade e dá amplitude às palavras do texto de forma lúdica. O jogo passou a ter uma função decisiva na leitura e o próprio leitor dá-se a maiores possibilidades para sua compreensão de mundo e de si mesmo.

Por meio dos enunciados que configuram o texto em foco, capta-se os pontos decisivos e iluminadores da obra. Assim, identifica-se a forma ou o estilo adotado pelo autor. Por sua vez o leitor, é instigado a refletir sobre os aspectos da vida humana como

um processo orientador e reflexivo que auxilia o homem a direcionar suas questões existenciais, de modo que interaja com os valores subentendidos ou implicados a partir do texto.

Neste passo do MLA, enfatiza-se que o leitor é impulsionado a vivenciar por meio do que é relevante e essencial da vida humana através de sua leitura textual.

Perissé exemplifica com Kafka que a leitura não é algo irreal; antes, *ambiental*, ou seja, enriquecedora de nossa visão de mundo.

Numa avaliação geral deste conto de Kafka, podemos e devemos nos dar conta de que a situação vivida pelo personagem não é uma simples desgraça, ainda que seja uma grande desgraça. Trata-se de uma tragédia, no sentido clássico da palavra, uma vez que o ser humano afetado tem consciência do que acontece com ele. O relato absurdo de *A metamorfose* não é “ficcional”, se quisermos utilizar esse termo para referir-nos a uma convencional peça literária. Vemos aqui a destruição paulatina de uma vida, por força do empobrecimento e posterior destruição de uma rede de âmbitos, que é o que de um ser humano precisa para aprimorar-se como tal. Gregor Samsa sofre uma anulação existencial, a maior das catástrofes que pode acontecer a uma pessoa. (2004a, p.169)

Cumpramos re-enfatizar que esses cinco passos interagem-se entre si. Sua separação se dá em razão de motivos estritamente didáticos. Se analiticamente tem-se a separação dos mesmos, quando da aplicação do MLA, em seu processo constitutivo, esses momentos, em razão de sua inerente dinamicidade, entrelaçam-se, desdobram-se, alimentam-se, de um modo mútuo, de tal modo que a ênfase demasiada em um

desses momentos, necessariamente, implicará não só o enfraquecimento dos demais momentos, como também, e sobretudo, na inviabilidade prática do MLA.

PARTE II

O MÉTODO LÚDICO-AMBITAL EM SALA DE AULA

CAPÍTULO VI : APLICAÇÃO DO MÉTODO

**Nas condições de verdadeira aprendizagem,
os educandos vão se transformando
em reais sujeitos da construção e
da reconstrução do saber ensinado,
ao lado do educador,
Igualmente sujeito do processo.
(Paulo Freire)**

Foi realizada uma experiência com alunos de um curso superior de Letras em uma Instituição de Ensino situada na Zona Sul da Cidade de São Paulo. São alunos que se preparam para o ensino da Língua Portuguesa e que, presumivelmente, têm pré-requisitos que possibilitam a eles uma leitura de textos obedecendo aos passos de leitura indicados por Lopez Quintas no MLA. Por tratar-se de uma experiência restrita, na verdade um pequeno estudo de caso com vistas a verificar alguns aspectos do método proposto, a escolha do curso e dos alunos em questão foi feita aleatoriamente.

A Instituição está localizada na região do Campo Limpo, cujo distrito administrativo abrange também o Capão Redondo e a Vila Andrade, ocupando uma área de 36,7 km² da metrópole paulistana. É uma parte da Região Sul da cidade que conta com 505.969 habitantes. Um dado interessante que poderia indicar maior

facilidade para a compreensão do MLA, pelas razões já expostas, é que 23,57% dos habitantes da região concluíram o Ensino Médio. É uma região urbana com alta densidade demográfica e alta taxa de crescimento populacional (em torno de 2,77% ao ano) e a população economicamente ativa corresponde a 345.387 habitantes.

Trata-se de uma Instituição privada que conta com alunos oriundos da classe média baixa. Do total dos alunos com os quais realizou a experiência, 60% trabalham com a educação infantil; 20% são professores eventuais nas escolas públicas estaduais da região; 10% trabalham no comércio regional; e, os 10% restantes estão desempregados.

O Quadro I, a seguir, revela a situação sócio-econômica da região na qual a Instituição se localiza, bem como de municípios próximos dos quais procedem os alunos que freqüentam seus cursos.

QUADRO I
DADOS ESTATÍSTICOS DA ZONA SUL 2 E DA REGIÃO DO ENTORNO DA
INSTITUIÇÃO

Região e Municípios	População residente e indicação conforme o sexo s			População residente de 10 anos ou mais de idade	Alunos Potenciais a Educação Superior	
	Total	Homens	Mulheres	Taxa de Alfabetização %	Egressos do Ensino Médio	Com Educação Superior
Campo Limpo Região Sul 2	505.969	244.689	261.280	92,87	2.280	161
Embu	164.535	80.295	84.240	92	21.854	7449
Itapecerica da Serra	102.140	50.225	51.915	92	5.648	1158
Taboão da Serra	160.209	76.372	83.837	94	6.215	934
Totais	932.853	451.581	481.272	92.71	51.246	14.037

Fonte: Site PMSP – Campo Limpo Região Sul 2, IBGE 2000

A experiência realizada.

Realizou-se a experiência mediante a utilização de um texto de Vinícius de Moraes “A Casa Materna”, com o intuito de verificar em que medida o Método Lúdico-Ambital poderia funcionar e eventualmente ser tido como uma contribuição para

aperfeiçoar a leitura de nossos alunos universitários. O texto mencionado é reproduzido a seguir.

A Casa Materna

É sempre quieta a casa materna, mesmo aos domingos quando as mãos filiais se pousam sobre a mesa farta do almoço, repetindo uma antiga imagem. Há um tradicional silêncio em suas salas e um dorido repouso em suas poltronas. O assoalho encerado, sobre o qual ainda escorrega o fantasma da cachorrinha preta, guarda as mesmas manchas e o mesmo taco solto de outras primaveras. As coisas vivem como em prece, nos mesmos lugares onde as situaram as mãos maternas quando eram moças e lisas. Rostos irmãos se olham dos porta-retratos, a se amarem e compreenderem mudamente. O piano fechado, com uma longa tira de flanela sobre as teclas, repete ainda passadas valsas, de quando as mãos maternas careciam sonhar.

A casa materna é o espelho de outras, em pequenas coisas que o olhar filial admirava ao tempo que tudo era belo; o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. E tem um corredor à escuta de cujo teto à noite pende uma luz morta, com negras aberturas para quartos cheios de sombra. Na estante, junto à escada, há um *Tesouro da juventude* com o dorso puído de tato e de tempo. Foi ali que o olhar filial primeiro viu a forma gráfica de algo que passaria a ser para ele a forma suprema de beleza: o verso.

Na escada há o degrau que estala e anuncia aos ouvidos maternos a presença dos passos filiais. Pois a casa materna se divide em dois mundos: o térreo, onde se processa a vida presente, e o de cima, onde vive a memória. Embaixo há sempre coisas fabulosas na geladeira e no armário da copa; roquefort amassado, ovos frescos, mangas-espadas, untuosas compotas, bolas de chocolate, biscoitos de araruta – pois não há lugar mais propício do que a casa materna para uma boa ceia noturna. E porque é uma casa velha, há sempre uma barata que aparece e é morta com uma repugnância que vem de longe. Em cima ficam os guardados antigos, os livros que lembram a infância, o pequeno oratório em frente ao qual ninguém, a não ser a figura materna, sabe por que queima, às vezes, uma vela votiva. E a cama onde a figura paterna repousava de sua agitação diurna. Hoje, vazia.

A imagem paterna persiste no interior da casa materna. Seu violão dorme encostado junto à vitrola. Seu corpo como que se marca ainda na velha poltrona da sala e como que se pode ouvir ainda o brando ronco de sua sesta dominical. Ausente para sempre da casa materna, a figura paterna parece mergulhá-la docemente na eternidade, enquanto as mãos maternas se fazem mais lentas e mãos filiais mais unidas em torno à grande mesa, onde já agora vibram também vozes infantis.

(MORAES.1991,p.93)

Para a realização da experiência foram pensados dois momentos: no primeiro momento os alunos leram o texto sem terem nenhum conhecimento do Método Lúdico-Ambital. Leram e foram convidados a expressar sua interpretação do texto lido livremente. Num segundo momento eles tomaram conhecimento do que era o MLA através de uma palestra que tinha como título: *A Leitura das Entrelinhas – MLA*.

Essa palestra proporcionou uma visão geral do Método como proposta para uma leitura criativa esboçando e esclarecendo detalhadamente os cinco passos de procedimentos para desenvolver essa leitura.

Além dessa palestra os alunos tiveram também quatro aulas para maiores esclarecimentos sobre a leitura criativa e os cinco passos detalhados do Método Lúdico-Ambital. Nessas aulas foram-lhes apresentadas idéias sobre os seguintes tópicos:

- a) Leitura como diálogo;
- b) Relação da leitura das palavras e dos signos com a leitura de mundo, de modo a indicar o processo de leitura como contribuição ao aperfeiçoamento humano;
- c) Definições e exemplos de e sobre “encontro” e “âmbito”.

Além dessas informações os alunos, nas aulas mencionadas, tiveram informações sobre Vinícius de Moraes. Eles tomaram conhecimento de:

- a) uma pesquisa biográfica sobre a vida de Vinícius de Moraes – (Vide Anexo C).
- b) os seguintes textos do autor cujo tema é “o pai”:
 - 1) Elegia na morte de Clodoaldo pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão.

2) O dia do meu pai.

(Vide os textos no Anexo D)

Foram elaborados dois instrumentos para coleta dos dados: um para ser aplicado após a primeira leitura do texto de Vinícius de Moraes, mas sem os alunos conhecerem o MLA. Outro para ser aplicado após uma segunda leitura que foi feita após a palestra e as aulas sobre o MLA.

Descrição dos procedimentos do primeiro momento.

Foi solicitado aos alunos que, num tempo estipulado em 1 h e 40 m, fizessem três leituras atentas do texto “A Casa Materna” e, em seguida, redigissem um texto seu no qual expressassem uma compreensão pessoal livre do que leram.

Foram coletados 46 textos de alunos e analisados. Serviram como primeiro momento para sondagem do tipo de leitura que os alunos faziam. Os textos dos alunos receberam algarismos arábicos acrescidos da letra “A” , indicando o primeiro momento. Este material destinava-se à comparação com o material coletado no segundo momento. A hipótese era que, após conhecerem o MLA, algumas informações a respeito da leitura criativa e informações sobre a obra e a vida de Vinicius de Moraes, eles fariam uma leitura mais rica do mesmo texto.

Os textos coletados na 1ª etapa encontram-se na íntegra como primeira parte do anexo A deste trabalho.

Descrição dos procedimentos do segundo momento.

Como dito acima, o segundo momento foi realizado após os alunos conhecerem o MLA e informações básicas sobre Vinícius de Moraes.

Foi-lhes solicitado que fizessem, então, uma segunda leitura do texto “A casa materna” com duração igual à do primeiro momento, ou seja, 1h e 40m. Foi-lhes lembrado que deveriam levar em conta tudo o que vieram, a saber, sobre a Leitura Criativa, sobre o MLA, sobre Vinícius de Moraes e o texto de sua autoria.

A intenção era verificar, nesse segundo momento, se estavam presentes nos textos dos alunos, novas informações obtidas na palestra sobre o MLA e nas aulas mencionadas. Mesmo tendo havido pouco tempo de trabalho informativo sobre o MLA havia motivos para supor que os alunos envolvidos na experiência poderiam demonstrar apreensão de algumas das informações que lhes foram transmitidas e fazê-lo na maneira de ler o texto pela segunda vez. Até porque se tratava de uma nova leitura para a qual foi solicitada expressamente uma atenção maior e atenção aos aspectos trabalhados na palestra e nas quatro aulas da qual participaram. Tratava-se de identificar ao menos vestígios do trabalho realizado que, conforme se supunha, poderia enriquecer a leitura feita, agora, pela segunda vez. O MLA pode ser aprendido. Com alunos de um curso superior que já dispunham de certos requisitos para uma leitura criativa, talvez fosse possível fazê-los ter alguns requisitos a mais com o trabalho mencionado, ainda que de curta duração. Daí as recomendações ou lembranças apresentadas aos alunos envolvidos na experiência.

Foi-lhes recordada a necessidade da execução de uma leitura profunda, rigorosa e criativa, utilizando os passos do MLA aprendidos de modo a redigirem uma

nova compreensão da leitura do texto. A partir daí, eles apresentaram um novo trabalho escrito de compreensão do texto lido.

Foram coletados 46 trabalhos que foram numerados da mesma forma da 1ª coleta diferenciando-se pela letra “B”, indicando a 2ª etapa. Estes trabalhos encontram-se na íntegra como segunda parte do anexo A.

Os trabalhos do segundo momento foram também analisados e comparados com os do primeiro momento. Os resultados das análises feitas estão relatados a seguir.

Resultados das análises feitas.

Procurou-se visualizar na quase totalidade dos trabalhos coletados o uso de algumas palavras próprias do pensamento de ALQ e do entendimento do MLA : âmbito, lúdico, encontro, imagem, símbolos, argumento, tema; ou citações referentes a elas. Além disso, buscou-se perceber se, na segunda leitura houve uma compreensão mais ampla do contexto que cerca ou envolve o texto de Vinícius de Moraes e apreensão de emoções e sentimentos próprios do autor que marcam o texto. Foram elaborados alguns quadros com o intuito de auxiliar na visualização do que houve a mais na segunda leitura em comparação com a primeira. Cada quadro traz informações sobre o que foi colhido no primeiro texto escrito (trabalho) comparando-o com o que foi colhido no segundo texto (trabalho) de quase todos os alunos. As informações contidas nos quadros são transcrições de excertos dos trabalhos de cada aluno.

QUADRO II

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 1A e 1B do aluno 1.

TRABALHO 1 ^A		TRABALHO 1B	
Imagem	Já não existe mais a imagem paterna, mas tudo está no mesmo lugar como se ele estivesse ali.	Imagem	A imagem paterna na casa é muito grande, pois essa imagem traz a lembrança de alguém muito especial, que outrora fazia parte desta casa, tendo grandes momentos com a família.

Constata-se na segunda leitura maior envolvimento com o texto, parecendo que o leitor se deixa tocar com mais intensidade pelo mesmo, ou ao menos, por este aspecto emocionalmente forte trazido pelo autor.

No quadro seguinte não foram considerados os textos do aluno de número 2.

QUADRO III

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 3A e 3B do aluno 3.

TRABALHO 3A		TRABALHO 3B	
Imagem	Na casa materna moram lembranças presentes de um passado e podemos ver isso quando o autor diz: a imagem paterna persiste no interior da casa materna.	Imagem	Ao analisar o possível sentido que o texto revela, nos deparamos com o sentimento que a imagem materna exerce sobre o autor, principalmente sobre sua infância.

Neste leitor a imagem evocada pelo autor marca tanto na primeira, como na segunda leitura, ainda que na segunda leitura a ênfase se dê na imagem da casa materna e não na imagem que esta casa traz ou guarda do pai. Em ambas as situações a interação, neste particular, é forte e parece que o leitor já detinha pré-requisitos para este tipo de leitura mesmo sem a ajuda das aulas prévias.

QUADRO IV

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 4A e 4B do aluno 4.

TRABALHO 4A		TRABALHO 4B	
Imagem	(não existe)	Imagem	Há no interior da casa uma imagem paterna, que mesmo depois de morta, continua presente, suas lembranças passadas, e ainda hoje se fazem presentes.

Aqui, nitidamente, houve uma ampliação da relação do leitor com o texto na segunda leitura. Talvez as informações e recomendações sobre a leitura criativa a tenham provocado.

Como já dito no corpo do trabalho, esta foi uma pequena experiência que visou buscar identificar se, mesmo com pouca informação sobre o MLA, haveria

modificação na forma de ler. É possível, nesse caso, dizer que sim ressalvadas outras circunstâncias que igualmente poderiam ter interferido no resultado.

QUADRO V

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 7A e 7B do aluno 7.

Como se pode observar, não foram considerados os textos de alguns alunos.

TRABALHO 7 ^A		TRABALHO 7B	
Imagem	(não há)	Imagem	..., mas na sua imaginação tudo estava sendo a pura realidade e imagem de sua velha casa.

Neste caso a ampliação da percepção do que diz o autor sobre a imagem da velha casa pode ser constatada na segunda leitura, mantidas as ressalvas anteriores.

QUADRO VI

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 8A e 8B do aluno 8.

TRABALHO 8A		TRABALHO 8B	
Imagem	(não há)	Imagem Ali existem imagens que comprovam a calma e dão o ar de repouso.
			A imagem do pai ainda está na casa pela presença dos objetos que a ele pertenciam, sua face ainda era sentida na doçura da eternidade.

Mais nítida aqui a ampliação da percepção da força que o autor dá, no texto, às imagens que a velha casa, por si só, uma imagem, evocam: tanto da atmosfera da casa materna, quanto da imagem forte do pai.

QUADRO VII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 12A e 12B do aluno 12.

Novos textos não considerados.

TRABALHO 12 ^A		TRABALHO 12 ^B	
Imagem	(não há)	Imagem	E a imagem do seu pai ainda permanece no interior da casa, nos pequenos gestos e nos objetos que a casa ainda conserva; ...

Valem os mesmos comentários anteriores.

QUADRO VIII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 13A e 13B do aluno 13.

TRABALHO 13A		TRABALHO 13B	
Imagem	As imagens que vivem presentes em nossas mentes de quem não estão mais presentes entre nós, conforta e no faz mergulhar em um oceano de saudade ...	Imagem	Quanto a casa, quando menciona sobre seu tradicional silêncio repetia uma antiga imagem; refletia sobre a não agitação que comumente era, referindo ao passado e no presente essa imagem se repete. Mas qual seria essa imagem?
Lúdico	(não há)	Lúdico/Imagem	<p style="text-align: center;">Vinicius busca</p> focos em diversos lugares e objetos, sendo lúdico, mencionando no trecho "... a cama onde a figura paterna repousava,... , mas sua imagem permanece viva ...

No tocante ao foco na imagem ou nas imagens evocadas, há uma ampliação de atenção em relação a elas na segunda leitura. Quanto ao lúdico no texto, parece que o aluno o buscou na segunda leitura, motivado pelas aulas que teve.

Para os próximos quadros valem as mesmas observações colocadas até agora. Em todos eles pode-se perceber alguma ampliação havida na segunda leitura. O que todos os quadros mostram é que houve poucos indícios de termos próprios ou utilizados nas explicações relativas ao MLA. Imagem é o termo mais freqüente, aparecendo os termos: lúdico, símbolo, âmbito, tema e argumento.

QUADRO IX

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 14A e 14B do aluno 14.

TRABALHO 14A		TRABALHO 14B	
Imagem	(não há)	Imagem	As imagens das mãos e roncões ficam gravadas na memória que se recordam a cada objeto tocado e observado daquela casa que vive a memória paterna.

QUADRO X

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 17A e 17B do aluno 17.

TRABALHO 17A		TRABALHO 17B	
Imagem	A imagem paterna também mora no interior da casa materna	Imagem	Ele lembra da cama em que seu pai repousava e que hoje está vazia. Essa imagem está gravada em sua mente.

QUADRO XI

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 18A e 18B do aluno 18

TRABALHO 18A		TRABALHO 18B	
Imagem	Quase sempre nessa fase temos nossos pais por perto, a imagem da nossa aconchegante casinha ...	Imagem	(não há)

QUADRO XII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 19A e 19B do aluno 19.

TRABALHO 19 ^A		TRABALHO 19B	
Imagem	<p>A casa da mãe está vazia mesmo no domingo, quando o filho senta a mesa lembrando-se da imagem de antes.</p> <p>[...]</p> <p>A cama do pai que ele deitava e descansava do dia agitado está vazia mas, a imagem permanece dentro da casa ...</p>	Imagem	(não há)

QUADRO XIII**Quadro demonstrativo dos Trabalhos 22A e 22B do aluno 22.**

TRABALHO 22A		TRABALHO 22B	
Imagem/símbolo	Essa presença, dá-se através dos símbolos apresentados no texto como, por exemplo, a cama onde repousava a figura paterna mesmo ausente, ...	Imagem/símbolo	(não há)

QUADRO XIV

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 23A e 23B do aluno 23.

TRABALHO 23 ^A		TRABALHO 23B	
Imagem	(não há)	Imagem	As imagens mais fortes são as mãos filiais, as mãos maternas e a casa vazia, a mão representa a origem do autor, e enfatiza o sentimento que existe em cada canto da casa ...

QUADRO XV

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 26A e 26B do aluno 26.

TRABALHO 26 ^A		TRABALHO 26B	
Imagem	A cada objeto tocado ou visto parece ser único e traz ao autor imagens claras da vida que seu pai havia tido com ele ...	Imagem	(não há)

QUADRO XVI

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 28A e 28B do aluno 28.

TRABALHO 28 ^A		TRABALHO 28B	
Imagem	(não há)	Imagem	As lembranças de infância e de outras pessoas que faleceram, no caso da imagem paterna, o genitor, ainda presentes na casa é o que provavelmente alegria a imagem materna, que ainda e foi a única que restou.

QUADRO XVII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 29A e 29B do aluno 29.

TRABALHO 29A		TRABALHO 29B	
Imagem	(não há)	Imagem	<p>A imagem materna está em todos os lados, na cozinha, no piano, no silêncio da casa, nos objetos arrumados nos detalhes.</p> <p>A imagem saudosa do pai ainda persiste ... Essa é uma imagem saudosa que a mão filial guarda da imagem paterna, uma saudade de voltas no tempo,</p>

QUADRO XVIII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 32A e 32B do aluno 32.

TRABALHO 32A		TRABALHO 32B	
Imagem	... mas fala também de dor e saudade... saudade de uma imagem antiga, ...	Imagem	Percebe-se que a imagem da mãe é a figura mais enfatizada, ...
			Imagem persistente nos objetos, em costumes, em hábitos, em sons, que eternizam na memória do filho, um sentimento de doce saudade.

QUADRO XIX

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 33A e 33B do aluno 33.

TRABALHO 33 ^A		TRABALHO 33B	
Imagem	(não há)	Imagem	A imagem do pai ainda persiste na casa, o violão ainda está encostado na vitrola, ...

QUADRO XX

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 38A e 38B do aluno 38.

TRABALHO 38A		TRABALHO 38B	
Âmbito	(não há)	Âmbito	Compreendo a casa materna como o foco principal entre pessoa e coisa ou coisas, relacionamento este denominado âmbito.

QUADRO XXI

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 39A e 39B do aluno 39.

TRABALHO 39 ^A		TRABALHO 39B	
Imagem	Vê sempre a imagem do pai em toda a casa e em cada cantinho principalmente na velha poltrona, onde parece até ouvir o seu ronco.	Imagem	(não há)

QUADRO XXII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 40A e 40B do aluno 40.

TRABALHO 40A		TRABALHO 40B	
Imagem	A imagem do pai consiste o materno mais profundo, mais que o local, suas atitudes e seus costumes fazem o tempo voltar, ...	Imagem	(não há)

QUADRO XXIII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 41A e 41B do aluno 41.

TRABALHO 41A		TRABALHO 41B ⁵	
Tema	(não há)	Tema	O tema do texto é a saudade da infância.
Argumento	(não há)	Argumento	O argumento é a descrição da casa em que viveu o autor na sua infância e juventude ...
Imagem	(não há)	Imagem	Uma das principais imagens é a visão que o autor tem da casa materna dividida em dois mundos, o real e o abstrato que contrasta com a vida presente e a memória.

⁵ Trabalho redigido de modo dividido pelos 5 passos do MLA

QUADRO XXIV

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 42A e 42B do aluno 42.

TRABALHO 42 ^A		TRABALHO 42B	
Imagem	(não há)	Imagem	É como estudar história e visitar um museu, um “daqueles” poéticos, tão bem descrito que posso vê-lo em imagem real.

QUADRO XXV

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 43A e 43B do aluno 43.

TRABALHO 43 ^A		TRABALHO 43B	
Imagem	(Não há)	Imagem	... e a imagem da presença do pai, encostado numa velha poltrona junto a vitrola.

QUADRO XXVI

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 44A e 44B do aluno 44.

TRABALHO 44 ^A		TRABALHO 44B	
Imagem	(não há)	Imagem	As imagens foram identificadas como as mãos filiais, mãos materna, casa materna, imagem paterna, os livros que lembram sua infância, oratório, piano, ...

QUADRO XXVII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 45A e 45B do aluno 45.

TRABALHO 45 ^A		TRABALHO 45B	
Imagem	(Não há)	Imagem	Porém é a imagem paterna, que mergulha a casa materna docemente na eternidade.

QUADRO XVIII

Quadro demonstrativo dos Trabalhos 46A e 46B do aluno 46.

TRABALHO 46A		TRABALHO 46B	
Âmbito	Este texto parece nos convidar a viver momentos passados de um âmbito onde persistem marcas eternas de momentos familiares.	Âmbito	<p>Neste texto o autor está descrevendo o âmbito em que ele cresceu, pois percebemos a sensibilidade com o qual ele descreve cada detalhe da rotina de sua infância e que permanece até o momento presente. ...</p> <p>..., a rotina parece a mesma, porém, eles jamais terão o mesmo âmbito.</p>

Além da análise destes trabalhos comparados um a um para verificação da incorporação, ou não, de indicações relativas à leitura criativa, foi feita análise mais detalhada de mais 6 (trabalhos) aqui indicados com as letras **A, B, C, D, E, F**. O objetivo foi o de verificar se em alguns trabalhos os aspectos apareciam na segunda leitura feita

como resultantes da contribuição das informações tidas pelos alunos na palestra e nas quatro aulas mencionadas.

Nesta análise foram levados em conta os seguintes itens:

- 1) penetração no tema e argumento da obra;
- 2) valores que estruturam a obra;
- 3) expressividade das palavras;
- 4) expressividade simbólica;
- 5) sentido de cada passagem;
- 6) diálogo e encontro do leitor com a obra;

Em primeiro lugar foram analisados os trabalhos A,B,C,D,F da 1ª coleta de dados. Em seguida foram analisados os trabalhos A,B,C,D,F da 2ª coleta e comparados com os da 1ª. Os resultados da comparação feita estão indicados a seguir, trabalho por trabalho. No final, há um quadro que sintetiza a análise feita.

Trabalho A: (cf. anexo B)

O comentário produzido, em relação à primeira leitura, indica que o leitor consegue definir a ligação da casa materna com o autor percebendo as sensações e momentos importantes expressos por Vinicius. O leitor percebe a expressividade simbólica ao citar as mãos da mãe ao tocar o piano e o âmbito instaurado pela relação autor/piano/mãe. Percebe também, a profundidade expressiva das palavras e o sentido de cada passagem do texto. Isso pode ser ilustrado pelo que o leitor A, escreveu na seguinte passagem:

“A casa a que ele se refere, é a casa onde passou sua infância. Ela era mórbida e seu silêncio, lhe trazia várias lembranças. Existia nela falta de alegria, o ambiente era bem

tradicional e rígido. Muitas memórias eram tão fortes que pareciam reais, como o piano que parecia estar sendo tocado pelas mãos da mãe, a cachorra andando pela casa [...]. “

Em outra passagem pode-se perceber que o leitor identifica que o tempo passado é um presente real que está vivo e pulsante no tempo atual do autor.

“Os anos se passaram, mas tudo estava igual, todos os móveis e objetos permaneceram no lugar. Muitas memórias eram tão fortes que pareciam real [...]. O que subentende-se é que o autor está falando de um passado “real”, mas ele está na verdade no tempo presente, que no caso é virtual.”

Mesmo que parcialmente, o leitor mantém diálogo com a obra. Ainda que tenha havido na sua leitura um obscurecimento da presença forte da mãe para o autor.

“A saudade e a solidão aparecem “fortes” em relação a mortes, mas mesmo assim são representados, por exemplo, através das recordações. O autor se refere ao pai de forma saudosa, pois seu pai sempre manteve uma postura formal, mas mesmo assim o autor sabia que ambos se gostavam. Somente gostaria que isso fosse mais explícito. “Hoje não existe mais o pai, mas existe novos membros da família”.

Há, neste caso, uma leitura mais rica do que na primeira leitura realizada.

Trabalho B: (cf. anexo B)

Neste trabalho o leitor percebe que “A casa materna” não é qualquer casa, saindo do imediatismo ou da pura constatação. Ele capta tratar-se de um argumento especial, pois “A casa materna” de Vinícius não era qualquer casa.

Aproxima-se, de algum modo dos sentimentos do autor ao comentar que “[...] exaltando o autor quanto à sensação por seu jardim, que era mais verde que os demais,

pois lá vivenciou sua infância, momentos felizes e gostosos, pois aos seus olhos via no “jardim verde” estes momentos.” (sic).

Ou, então, como na passagem seguinte: *“Para Vinícius na casa materna está tudo intacto, pois quando olha para as coisas “objetos” ele vê um passado virtual, vendo na lembrança que está bem presente, o seu passado. O termo “as coisas vivem como em prece” nos mesmos lugares indaga sua intacta apresentação, nada mudou, os porta-retratos que se olham, o piano tocando que fica na memória.”*

Pela referência à luz, o leitor consegue detectar o medo de uma criança durante a noite. *“Quando se refere à luz morta, negras aberturas e quartos cheios de sombras nessas palavras mostram o “medo” de uma criança durante a noite”.*

Em outro trecho mostra captar simbolismos no texto lido e percepção de relações ambíguas. *“Vinícius busca focos em diversos lugares e objetos, sendo lúdico, mencionando no trecho “ [...] a cama onde a figura paterna repousava, hoje vazia” o seu foco chave, ressaltando a não presença do pai, sua morte é fortemente expressa com a utilização do termo “docemente na eternidade”, mas que sua imagem permanece viva em sua imaginação e quanto as mãos filiais mais unidas, retrata que antes não era tão unida como agora.”*

O leitor valoriza o segundo passo da leitura criativa (o histórico) e estabelece um diálogo com o autor ao considerar o que ficou sabendo de outro texto escrito por Vinícius sobre sua relação com o pai que, de certa forma, ilumina o texto lido. Pode-se perceber isso na seguinte passagem:

“Fortemente a idéia da ausência paterna, Vinícius escreve nove anos após a morte de seu pai, O Dia de Meu Pai, poema que retrata a “distante” relação de pai e filho, exprimindo um sentimento que queria compartilhar, mas não obteve a oportunidade de se expressar. Exalta sua bondade material, mas o que realmente queria nunca teve, a atenção e carinho de pai, um abraço ou gestos afetivos.”

Em outra passagem este leitor ressalta mais uma vez as mãos filiais valorizando as expressões simbólicas.

“Termo como mãos filiais é expresso nessa obra, fazendo dela até como uma conclusão de a casa materna, concluindo que do quando recebeu a notícia de sua morte, depois de muito tempo, a aceitou e a materializou e na obra “A Casa Materna”, de maneira lúdica vive um passado que mesmo distante, vivia com seu pai vivo, mesmo que ausente”.

Estas percepções não apareciam no primeiro trabalho deste leitor ao dizer da primeira leitura feita.

Trabalho C: (cf. anexo B)

O leitor fala da expressividade das palavras percebendo a ênfase dada nos sentimentos vivenciados e eternizados por Vinícius.

“ [...] entre eles, podemos destacar os sentimentos de relacionamento, perdas e saudades. Todas as imagens, que se eternizam na memória do autor, e são projetadas no texto, demonstram claramente que a ação do tempo existe em detrimento dos componentes físicos da casa, do lar, da convivência com os queridos [...].”

O leitor capta o tema do texto e o argumento, além de aspectos simbólicos fortes, como nesta passagem: *“Segundo o autor, a casa materna é sinônimo de simplicidade, quietude, harmonia, perfeição, serenidade, de amor e compreensão mútua, de sonho [...] percebe-se que a imagem da mãe, é a figura mais enfatizada, e isso pressupõe uma proximidade, afinidade e relacionamento mais estreito com ela.”*

Além disso, ele entende algo importante do autor do texto quase que mantendo com ele um diálogo quando diz: *“Porém, na casa materna, a figura do pai – embora já ausente – persiste na memória do autor, como um sentimento de perda muito maior*

que a perda física. Perda, talvez, da possibilidade de um relacionamento que ele sempre quisera ter com o pai e não tivera”.

Há a percepção também de relações ambíguas e de elementos simbólicos (*“Imagem persistente nos objetos, em costumes, em hábitos, em sons, que eternizam na memória do filho, um sentimento de saudade.”*)

Estes aspectos não estavam presentes na primeira leitura feita.

Trabalho D: (cf. anexo B)

Este leitor demonstra perceber o argumento do texto bem como o tema; percebe também elementos simbólicos e outros aspectos que não foram mencionados na sua primeira leitura.

“Ali existe em cada canto, em cada espaço recordações de momentos bons e ruins. [...] É nítido perceber nas palavras do autor, a falta que o pai lhe fez quando este ainda era vivo. Mesmo após sua morte, o pai continua ausente, agora física e mentalmente. O pai que ele questionava o afeta agora está representado pelo violão encostado, as marcas na poltrona onde o pai sentava e tirava aquele cochilo dominical.”

A figura materna é lembrada como figura amenizadora e a imagem das suas mãos parece tocar-lhe. *“Toda falta que ele sentia do pai, sua mãe tentava amenizar; diversas vezes ele cita mãos maternas como quem fala de alguém com carinho, proximidade e ternura. Era na mãe que ele encontrava alento, carinho e esta mãe deixava a marca da presença e do amor maternal em cada canto e móvel da casa.”*

Há, no que escreve, após a segunda leitura percepção de relações ambíguas, como no seguinte trecho: *“Ele sente a ausência física do pai, mas relembra com carinho dele sentado na poltrona e logo surge entre palavras a doce presença física e marcante de uma mãe que sempre tentou substituir algo que ele não recebera por parte do pai.”*

Trabalho E (cf. anexo B)

No que escreve este leitor, parece haver a indicação de absorção de alguns itens significativos informados na palestra e aulas antes da segunda leitura do texto. *“A minha compreensão do texto inicia-se desde aquilo que o autor mesmo prenunciou, a “entrada”. Compreendo “ A Casa Materna “ como o foco principal entre pessoa e coisa ou coisas, relacionamento este, denominado âmbito.”*

Na sua compreensão é lembrado o passado num presente real e comprovada com verbos no tempo presente. O leitor parece conseguir dialogar com o texto ou mesmo com o autor.

“A casa materna, agora presente na realidade do autor traz lembranças que marcaram profundamente a vida do mesmo. Alguns detalhes na escrita são noticiados a partir de uma perspectiva de quem viveu na casa e no momento em que escreve, está na mesma ou relembra detalhes da casa com muita facilidade e percebo isso a partir dos verbos no presente: “têm, parece, é, pousam”, dentre outros.”

É por certo uma nova leitura em relação à primeira. O aluno percebe também, a presença de âmbitos: *“Destaca-se também os objetos na casa; objetos que marcaram uma época, e que ainda têm um elo muito forte na mente do autor com o passado.”* (sic).

Seu trabalho menciona o que diz o autor das lembranças do pai e da presença marcante da mãe, o que é um argumento forte no tema do texto.

Ele, o aluno leitor, cita “mãos maternas e filiais”, sem enfatizar o significado dessas imagens. Referindo-se ao que diz o autor assim escreve: *“Lembra-se do pai, sente-se falta do pai, dá-se detalhes acerca do pai, porém lembra-se muito mais das mãos maternas que agora (real) se fazem mais lentas, cansadas, porém ainda vivas, com as quais encontra-se as mãos filiais e as doces vozes de crianças.”*

Em relação ao tema e a uma imagem que lhe ficou forte, assim escreve: “*A casa materna também me pareceu “O Coração Materno”*. Não deixa de ser uma leitura mais rica que a primeira.

Trabalho F (cf. anexo B)

Este leitor, demonstrando ter captado as informações tidas na palestra e nas aulas anteriores à segunda leitura, descreveu a compreensão que teve do texto seguindo os cinco passos da proposta do MLA.

No primeiro passo, distingue corretamente tema de argumento e indica o tema a seu modo identificando-o com a “saudade da infância do autor”. Diz ele: “*O tema do texto é a saudade da infância.*” “*O argumento é a descrição da casa em que viveu o autor na sua infância e juventude e os sentimentos que o autor traz consigo ao recordar de como era a casa e como é agora, e a falta que sente de seu pai.*”

Com relação ao 2º passo - contextualização da obra - mostra que leva em conta elementos da vida do autor, ligando-os com o contexto de “A casa materna”. Nas suas palavras: “*O escritor Vinicius de Moraes foi uma pessoa muito culta, e também ministro da educação.(sic) Era uma pessoa que não tinha apego as coisas materiais e se casou muitas vezes. O seu pai era uma pessoa amorosa, mas não tinha muitos contatos físicos com os filhos, ou seja, de abraçar, beijar etc. Falava o mínimo possível, mas dava muitos presentes. Vinicius de Moraes escreveu o texto “A cada materna”, nove anos depois da morte de seu pai. Ele vivia um período de reflexão do passado*”.

No tocante ao 3º passo, o leitor faz citações de imagens contidas no texto (o 3º passo são as experiências decisivas), buscando de algum modo relações com o tema, com os personagens ou fatos narrados no texto. “*As mãos filiais, as mãos maternas,*

o piano fechado com uma longa tira de flanela sobre as teclas, o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô, a cama onde a figura paterna repousava de sua agitação diurna, violão encostado junto à vitrola e a velha poltrona.”

Ele busca ilustrar o que entendeu relativamente ao 4º passo que consiste em perceber a beleza do texto, a expressividade das palavras e das passagens. Apesar de dizer pouco a respeito, assim se expressa: *“Uma das principais imagens é a visão que o autor tem da casa materna dividida em dois mundos, o real e o abstrato que contrasta com a vida presente e a memória.”*

Foi talvez, a imagem que mais lhe tocou e, talvez a que lhe tenha parecido mais bela ou expressiva. Importante iniciar este tipo de leitura por certo.

O último passo indica a necessidade de uma retomada geral e avaliação do todo da obra, por meio da apropriação de sua forma como resultado de seus momentos constitutivos que interagem entre si e que vieram à superfície mediante a reflexão. O aluno leitor parece ter entendido esta proposição, ainda que a expresse com limitações compreensíveis. Afinal, ele e seus colegas tiveram apenas poucos contatos com a proposta do MLA. Há contudo, algo interessante no que diz e que é algo mais em relação ao seu relato na primeira leitura.

“Com a leitura do texto se percebe que o autor transmite um sentimento de saudade de uma época que não volta mais, apesar da casa materna ser a mesma e os objetos estarem nos mesmos lugares, existe a ausência de seu pai que não pode ser mais preenchida, apenas recordada, mas seu pai permanece vivo em seu coração. E, além disso, por seu pai não ter tido muito contato físico com ele na infância, o que prevaleceu foi o contato físico com a mãe, o afeto que recebia dela, mas o autor queria ter tido mais esse tipo de contato com seu pai, esse tipo de recordação.”

Estes relatos indicam avanços interessantes a partir da experiência realizada.

Estes avanços estão sintetizados no quadro a seguir:

Trabalhos	Observações proporcionadas pelas análises realizadas levando-se em conta os trabalhos apresentados na primeira e na segunda leitura do texto de Vinícius de Moraes.
A	<ul style="list-style-type: none"> • O leitor consegue distinguir argumento/tema; • constata e percebe a expressividade das palavras e passagens do texto; • mostra identificação e percepção lúdica; • o leitor estabelece relação um pouco mais rica com a obra.
B	Neste trabalho nota-se grande evolução na compreensão e distinção entre tema/argumento da obra. Percebemos que o leitor visualiza as imagens, valorizando a luz que o lúdico emite, nascendo um diálogo fecundo com a obra. Existe evolução em todos os passos da leitura. Notamos que o leitor já possuía boa percepção compreensiva anterior ao método e após, aperfeiçoou-se na sua atenção, concentrando sua percepção lúdica e melhorando a interpretação das imagens.
C	No trabalho anterior à aplicação do Método, o leitor possuía uma leitura com compreensão abrangente. Havia apenas a necessidade de aperfeiçoar sua capacidade de jogo, ou seja, sua capacidade de criar âmbitos expressivos. Após o conhecimento do MLA o leitor aprimorou sua percepção lúdica e ampliou a percepção da comunicação simbólica.
D	O leitor antes das informações sobre o MLA possuía uma boa compreensão de textos, porém não percebia com profundidade a expressividade das palavras. Após conhecer as informações sobre o método, ampliou sua visão lúdica e sua sensibilidade expressando com mais criatividade as passagens do texto.

E	Na primeira etapa da leitura visualizamos apenas a compreensão literal, argumentativa, tendo necessidade de aprimorar a lucidez na hierarquização de valores e perceber a importância dos encontros. Após a proposta do Método, o leitor aprimorou-se na distinção do argumento/tema, na expressividade das palavras e ampliou sua percepção lúdica.
F	Num primeiro momento o leitor não fazia análises relevantes no texto. A leitura era imediata, sem detalhes, sem maiores atenções e percepções. Após a proposta do Método observamos atenção na expressividade das palavras, percepção melhor em relação à comunicação das imagens e visualização do tema da obra.

A amostra contida nos quadros apresentados e a análise dos seis trabalhos escolhidos ensejam algumas considerações. É o que está exposto a seguir lembrando que são considerações finais do que foi possível trabalhar neste momento. Haverá momentos ulteriores de mais estudos e pesquisas a respeito do MLA e das idéias de López Quintás relativas á leitura criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

**“Cientes da riqueza que pulsa no interior de nossa existência
quando a orientamos decididamente
para o ideal da unidade,
atingimos aquela forma de conhecimento
que os antigos denominavam
com a nobre e sugestiva palavra “sabedoria”.
Alcançar a sabedoria
transforma nossa existência radicalmente.”
(LÓPEZ QUINTÁS)**

Este trabalho teve como intenção apresentar idéias de Alfonso López Quintás relativas à leitura denominada por ele de “leitura criativa” e o método que ele propõe para realizá-la denominado de Método Lúdico Ambiental – MLA. Além disso, havia a pretensão inicial de um experimento do MLA com alunos de um curso de Letras, em nível superior, com o intuito de testar o referido método de leitura e, ao mesmo tempo, chamar a atenção desses alunos para suas possibilidades de utilização na sua futura prática de professores de Língua Portuguesa. Na verdade, um estudo de caso. Dadas as dificuldades encontradas para a realização do experimento contentou-se com uma pequena experiência com um grupo de alunos do referido curso que se mostrou de certa forma satisfatória ao menos para dela extrair algumas indicações.

A primeira parte deste trabalho expõe os conceitos centrais que compõem o MLA. Segundo López Quintás, toda leitura autêntica é na verdade uma nova criação,

ou uma recriação.⁶ Esta frase quase pode resumir o Método Lúdico-Ambital. Ele não tem o objetivo de substituir procedimentos adotados pelos especialistas em leitura dos mais diversos tipos. É uma forma proposta por Quintás de interpretar o texto literário na perspectiva da formação do estudante e também do professor, oferecendo importantes considerações de ordem ética e existencial que envolvem, por certo, a leitura e, em especial, a de obras literárias. Vale ressaltar a importância e a necessidade da leitura dessas obras.

No encontro do leitor com o texto, suas expectativas íntimas e a coerência interna do conto, do poema, do romance não atuam como realidades antagônicas. Elas devem se encontrar num diálogo fecundo, pois, sem a iniciativa do leitor, o texto congela-se no silêncio mudo. Sem a provocação do texto, o leitor congela-se na inconsciência. Quebrar o monólogo do texto e o do leitor, como já dito anteriormente, mediante o diálogo criador, é o primeiro e mais sugestivo objetivo do Método Lúdico-Ambital.

O MLA não é caminho para explicar e/ou expor a obra literária de um determinado modo, mas sim caminho que quer ajudar na descoberta de sua essência sempre humana. O MLA está em flagrante oposição aos inúmeros modismos que se propõem como modelos eficazes para a realização do exercício da tão propalada criatividade, ou seja, descobrir no próprio leitor, a resposta para uma leitura tanto da palavra quanto de sua própria vida. Conhecer estas idéias foi importante para ao menos provocar ecos que chamem a atenção dos educadores para a importância da leitura e para a necessidade de métodos cada vez mais aprimorados de fazê-la. Ao

⁶ Veja-se, nesse sentido, sua obra *Como formarse en ética a traves de la literatura – análisis estético de obras literárias*.

realizar a experiência com o MLA junto a alunos futuros professores da Língua Portuguesa, foi possível perceber quanto de desatenção há, nas pessoas, tanto em relação à importância da leitura quanto em relação a maneiras ricas de ler.

É necessário prestar atenção ao caminho proposto por López Quintás e se deixar impregnar pelo poder construtivo dos valores humanos adquiridos e expressos nas leituras por meio do diálogo com os textos, seus autores e com as circunstâncias que os envolvem. Sempre circunstâncias ricamente humanas.

Percebeu-se, na experiência tida, que mesmo com poucas horas de trabalho incentivador da leitura criativa, há resultados positivos a constatar. Fica a lição que indica a necessidade de investimento na formação de professores que sejam bons leitores e que se disponham para um dos mais importantes objetivos de seu futuro trabalho: o da formação, também, de bons leitores. Conhecer os cinco passos da leitura criativa foi já uma experiência de enriquecimento na formação deles. Experimentar uma leitura buscando aplicá-los também o foi. Novas experiências como estas deverão ser repetidas, por certo.

O MLA, em razão da profundidade teórica que o embasa e das pistas de realização de uma leitura rica que oferece, leva ao menos à necessidade de uma reflexão séria sobre a maneira de ser e de ler em todos aqueles que interagem com sua proposta.

Ficou claro, no experimento feito, que a leitura de textos depende sempre de insumos existentes no leitor e que, quanto mais ricos eles forem, mais rica e criativa a leitura. Insumos ou pré-requisitos de toda ordem são sempre bem vindos. Tanto informações de ordem filosófica, quanto oriundas das mais variadas ciências, quanto de todas as artes. Mas há também que garantir aos futuros leitores o domínio de técnicas,

de estratégias e de procedimentos de leitura. O MLA é um desses bons insumos que podem ser oferecidos aos alunos de modo geral. Sobre a necessidade dos mais variados insumos e, em especial aqueles que podem otimizar a utilização do Método Lúdico Ambiental valem as palavras de Perissé:

O Método lúdico-ambiental exige de nós, em etapa anterior à sua própria aplicação, uma atitude radical. Mais do que nos pormenores estilísticos do texto, nossa atenção deverá se concentrar naquilo que faz a obra literária ser luz para si mesma e para nós. ...

Outra exigência, ou mesmo outra consequência inevitável do método, é que conhecendo melhor, mediante a leitura, os fenômenos humanos, mais precisaremos ler, e ler cuidadosamente obras filosóficas que nos ajudem a refletir e analisar conceitos, realidades como amor e ódio, gratidão e ressentimento, entusiasmo e tédio, veracidade e falácia, palavra e silêncio, manipulação e amizade. ALQ cita, e no fundo sugere, que leiamos clássicos como Platão, Plotino, Agostinho, Tomás de Aquino, Pascal, Hegel, Fichte... (2006, p.25 e 26).

Claro que o acesso a estes insumos tão ricos dependerá de oportunidades e de possibilidades que os mais diversos sistemas educacionais possam oferecer. Esta é uma luta da qual nenhum educador bem intencionado está dispensado, por certo. Se há a necessidade deve haver a luta correspondente para satisfazê-la. O experimento realizado ajuda na compreensão disso que está dito aqui. As palavras, a seguir de Alfonso López Quintás reforçam ainda mais estas idéias:

Percebemos, cada vez com maior clareza, que pensar sem rigor, frivolamente, causa estragos na vida do homem. É sumamente perigoso. A tal ponto que pode levar a humanidade à hecatombe, ao mesmo tempo em que a convencem de que ela está acendendo a cotas nunca alcançadas de felicidade. Por pouco que reflitamos, perceberemos que nos encontramos numa encruzilhada: podemos encaminhar-nos para um humanismo perfeitamente adaptado ao nosso ser mais profundo, ou então nos dirigir para a destruição de todo o humanismo digno de tal nome. De cada um de nós depende o encaminhar da humanidade por uma ou outra dessas direções. Todos nós temos alguma responsabilidade em relação a isso. Vamos assumi-la e colaborar na grande tarefa de configurar uma sociedade melhor: mais justa e mais solidária. (2004, p.32 e 33).

Nenhum educador responsável pode se furtar a estes compromissos. No interior deles há um sobremaneira importante: o compromisso da formação de leitores competentes de textos que sejam ao mesmo tempo leitores competentes do mundo e das lutas humanas nele. Esta leitura poderá ser um grande meio a ser utilizado para a consecução de uma vida melhor e mais justa para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *Profissão Mestre - in Revista*. Curitiba, Paraná: Humana Editorial. Outubro/2005, p.16 e 17

CHEVALIER, Brigitte. *Leitura e Anotações. Gestão Mental e Aquisição de Métodos de Trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DEMO, Pedro. *Leitores para sempre*. Porto Alegre: Mediação: 2006.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 6ª ed. São Paulo: Ática. 2001.a

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MIRANDA, Fátima e CARRARI, Maria Stela. *Os Inimigos da Leitura*”, in *Revista Escrita*, São Paulo: Vertente Editora, Ano III, nº26. 2002.

MORAIS, José. *A Arte de Ler*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Inteligência Criativa. Descoberta pessoal de valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Descobrir a Grandeza da Vida. Introdução à pedagogia do encontro*. São Paulo: ESDC, 2005.

_____. *Como adquirir formación ética a través de la literatura*. In: *Revista Española de Pedagogía*, Madri, ano LII, maio-agosto/1994.

PERISSÉ, Gabriel. *Filosofia, Ética e Literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004.a

_____. *A leitura das Entrelinhas*. Método Lúdico Ambital. São Paulo: ESDC, 2006.

OBRAS DE REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.) et al. *Era uma vez...na Escola. Formando Educadores para formar Leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ANDRADE, Ludmila Tomé de. *Professores-Leitores e sua Formação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Guia Prático de Redação*. São Paulo: Atlas S.A, 2000.

HENRIQUES, Antonio. *Língua Portuguesa Noções Básicas para Cursos Superiores*. São Paulo: Atlas S.A, 1999.

BAJARD, ELie. *Ler e Dizer*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAMBERGER, Richard. *Como Incentivar o Hábito da Leitura*. São Paulo: Ática/Unesco, 2004.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et al. *Leitura Prática, Impressos, Letramento*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura. A Formação do Leitor. Alternativas Metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CARRAHER, David W . *Senso Crítico*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003.

CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari . *Leitura de Estudo*. Campinas, SP: Alínea, 2003.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger . *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Vol. 2. São Paulo: Ática, 2002.

CELIS, Gloria Inostroza de . *Aprender a Formar Crianças Leitoras e Escritoras*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense. 2001.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro do Leitor ao Navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e Ensinar com Textos Didáticos e Paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997.

CONDEMARIN, MABEL. et al. *Oficina de Linguagem*. São Paulo: Moderna, 2002.

CONDEMARIN, MABEL e ALLIENDE, Felipe. *A Leitura. Teoria, Avaliação e Desenvolvimento*. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSTE, D.; VIGNER, G.; BERTRAND ; et al. *O Texto: Leitura & Escrita*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

DALLA ZEN, Maria Isabel. *Histórias de Leitura na Vida e na Escola*. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

DAVIS, Roy Eugene. *Imaginação Criadora*. São Paulo: Esplendor, 1978.

DINORAH, Maria. *O Livro Infantil e a Formação do Leitor*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

FAULSTICH, Enilde L. de. *Como ler, Entender e Redigir um Texto*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FERREIRA, Liliana Soares . *Produção de Leitura de Escola*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí. 2001

FOUCAMBERT, Jean. *A Leitura em Questão*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. *A Criança, o Professor e a Leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FULGÊNIO, Lúcia e LIBERATO, Yara. *A Leitura na Escola*. São Paulo: Contexto, 2002.

GERALDI, João Wanderley (Org). et al. *O Texto na Sala de Aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

JASS, Hans Robert et al. *A Literatura e o Leitor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2002.

KATO, Mary Aizawa. *O aprendizado da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN , Ângela . *Texto & Leitor*. 8ª ed. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. *Oficina de Leitura*. 9ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

_____. *Leitura: Ensino e Pesquisa*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

_____ e MORAES, Silva. *Leitura e Interdisciplinaridade*. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras Edições, 2002.

LAJOLO, Marisa. et al. *Leitura em Crise na Escola: As Alternativas do Professor*. 8ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.b

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *O Amor Humano*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÚRIA, A R. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Artmed, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Conversas sobre Leitura e Política*. São Paulo: Ática, 2003.

MARCHIONI, Rubens . *Criatividade Redação*. São Paulo: Loyola, 2000.

MANGUEL, Alberto. et al. *Reflexões sobre os Caminhos do Livro*. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1988.

MAY, Rollo. *A Coragem de Criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MORAES, Vinicius de. *Para Viver um Grande Amor*. Crônicas e Poemas. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2005

_____. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992

_____. *Livro de Sonetos*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Leitura Prazer*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli . *Discurso & Leitura*. 6ª ed., São Paulo: Cortez, 1983.

OSAKABE, Haquira. et al. *Leituras no Brasil*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 1995.

PELLEGRINI, Domingos. et al. *Leituras da Vida*. V. 2. São Paulo: Moderna, 2003.

PERISSÉ, Gabriel. *Ler, Pensar e Escrever*. 3ª Ed. São Paulo: Arte & Ciência. 1998.

_____. *O Professor do Futuro*. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2002.

_____. *A Arte da Palavra .Como criar um estilo pessoal na comunicação escrita*. Barueri, SP. 2003.

_____. *Elogio da Leitura*. Barueri, SP: Manole, 2005.

PINTO, Júlio Pimentel. *A Leitura e seus Lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

- PIZANI, Alicia Palácios et al. *Compreensão da Leitura e Expressão Escrita*. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PLATÃO e FIORIN. *Para Entender o Texto: Leitura e Redação*. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *Lições de Texto: Leitura e Redação*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- RIBEIRO, Alceu Leite. *Redigir, Imaginação e Criatividade*. São Paulo: Madras, 2003.
- ROJO, Roxane. *A Prática de Linguagem em Sala de Aula*. São Paulo: Editora da PUC, 2002.
- SILVA, Ezequiel T. da. *Elementos de Pedagogia da Leitura*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. 9ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- SILVA, Ezequiel T. da. *O Ato de Ler. Fundamentos Psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- SMOLKA, ANA LUÍZA B. et al. *A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar*. 8ª ed.: São Paulo: Papyrus, 2001.
- SMITH, Frank. *Leitura Significativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SOARES, Magda. *Língua Escrita, Sociedade Cultura: Relações, Dimensões e Perspectivas*. *Revista Brasileira de Educação*. Belo Horizonte: set-dez/1995, p.5-16
- SOUZA, Malu Zoega de. *Literatura Juvenil em Questão*. Vol. 8. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- STEFANY, Rosaly. *Leitura que espaço é esse? Uma conversa com educadores*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SIGNORINI, Inês. *Investigando a relação oral e escrito*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- TEBEROSKY, Ana e CARDOSO, Beatriz. *Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita*. 3ª ed. São Paulo: Trajetória Cultural, 1990.
- TOLCHINSKY, Liliana. *Além da Alfabetização*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem. Problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- WEIZ, Telma. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2003.

SITES UTILIZADOS

A Experiência Estética, Fonte Inesgotável de Formação Humana.

<http://www.hottopos.com/videtur10/quintassilvia.htm>. Acesso em 22 de outubro de 2005.

A manipulação do homem através da linguagem.

<http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm>. Acesso em 21 de outubro de 2005

As Experiências Reversíveis segundo López Quintás. *Análise de um Poema de Cassiano Ricardo*. <http://www.hottopos.com/convenit4/perisse.htm>. Acesso em 02 de setembro de 2005.

Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira

http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Vinicius+de+Moraes&tabela=T_FOR. Acesso em 25 de agosto de 2006.

Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão

<http://vinicius-de-moraes.lettras.terra.com.br/letras/87145/>. Acesso em 25 de agosto de 2006.

IBGE – Campo Limpo – Região Sul

www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/md/index.php?. Acesso em 19 de setembro de 2007.

O Amor como Vertigem e Êxtase. Um poema de Gonçalves Dias Analisado à luz do pensamento de Alfonso López Quintás. <http://www.hottopos.com.Br/videtur12/gabrielpr.htm>. Acesso em 30 de outubro de 2005.

O dia de meu pai. <http://ofteninerror.blogspot.com/2005/01/o-dia-do-meu-pai-my-fathers-day.html>. Acesso em 25 de agosto de 2006.

Vinicius de Moraes.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopédia/poesia/index.cfm?fuseactiob=Detalhe&CD_Verbete=672. Acesso em 21 de agosto de 2006.

Vinicius de Moraes – Antalogia Poética.

<http://www.mpsnet.net/virtualshop/ViniciusMoraes/Principal.htm>. Acesso em 14 de abril de 2006.

Resumo biográfico e bibliográfico. Vinicius de Moraes. http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp.

ANEXO A – PARTE I

COLETA DE DADOS ANTES DA APLICAÇÃO DO MLA

ANEXO A – PARTE II

COLETA DE DADOS DEPOIS DA APLICAÇÃO DO MLA

ANEXO B – PARTE I

TRABALHOS A,B,C,D,E,F
(ANTES DA APLICAÇÃO DO MLA)

ANEXO B – PARTE II

TRABALHOS A,B,C,D,E,F
(DEPOIS DA APLICAÇÃO DO MLA)

ANEXO C

CRÔNICAS

ANEXO D

PESQUISA DE DADOS
UTILIZADA COMO FONTE PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA